

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

BARBARA LIMA

DIAGRAMANDO A HISTÓRIA: PROJETO EDITORIAL E GRÁFICO PARA UMA
MELHOR EXPERIÊNCIA DE LEITURA DE UM DOS LIVROS MAIS
IMPORTANTE DA HUMANIDADE

BRASÍLIA
2019

BARBARA LIMA

DIAGRAMANDO A HISTÓRIA: PROJETO EDITORIAL E GRÁFICO PARA UMA
MELHOR EXPERIÊNCIA DE LEITURA DE UM DOS LIVROS MAIS
IMPORTANTE DA HUMANIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Design da graduação com foco em
Programação Visual da Universidade de Brasília,
como requisito para Obtenção do grau em curso
de graduação.

BRASÍLIA
2019

RESUMO

Este trabalho apresenta o desenvolvimento do projeto editorial e gráfico para os livros da Bíblia. Partindo do exame do contexto religioso e do surgimento da tecnologia da imprensa, assim como do estudo da diagramação e do desenvolvimento da experiência de leitura com base em estudos de caso e de pontuações teóricas, é proposto um novo projeto editorial e gráfico da Bíblia ocidental adequado a leituras do cotidiano em contrapartida a diagramação clássica adequada ao culto público.

PALAVRAS-CHAVE: *design*; projeto editorial; Bíblia; projeto gráfico

ABSTRACT

This paper presents the development of the editorial and graphic design for books of the Bible. Starting from the examination of the religious context and the emergence of press technology, as well as the study of diagramming and the development of reading experience based on study cases and theoretical scores, a new editorial and graphic design of the Western Bible is proposed. One appropriate to the daily readings in contrast to the classical diagramming suitable for public worship.

KEYWORDS: design; editorial project; Bible; Graphic project

Sumário

Introdução

- Objetivo Geral
- Objetivos Específicos
- Problematização
- Justificativa
- Metodologia

Capítulo 1 - Examinando o Contexto Religioso e o Surgimento da Tecnologia da Imprensa

- 1.1 Versículos e Capítulos
- 1.2 O Livre Exame das Escrituras
- 1.3 Tecnologia na Prensa de Gutenberg
- 1.4 O Primeiro Livro

Capítulo 2 - Desenvolvendo a Experiência da Leitura

- 2.1 Experiência Física da Leitura
- 2.2 O Livro
- 2.3 Os Elementos
 - 2.2.1 Formato
 - 2.2.2 Tipo
 - 2.2.3 Margem
 - 2.2.4 Parágrafo
 - 2.2.5 Grid
- 2.4 Experiência Estética da Leitura

Capítulo 3 - Buscando sensações: Estudos de caso

- 3.1 Estudo de caso: Lecionário Comum Revisado
- 3.2 Estudo de caso: Filme Questão de Tempo (About Time)
- 3.3 Estudo de caso: Aplicativo *Dwell Bible*
- 3.4 Estudo de caso: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa

Capítulo 4 - Projeto Editorial dos Livros da Bíblia

- 4.1 Objetivo
- 4.2 Público-Alvo
- 4.3 Política Editorial

4.4 Linguagem

Capítulo 5 - Projeto Gráfico dos Livros da Bíblia

5.1 Capa

5.2 Elementos Gráficos

5.3 Tipografia

5.4 Margens e Grid

5.5 Cor

5.6 Formato e Acabamento

Considerações Finais

Bibliografias

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca analisar a melhor forma de proporcionar uma leitura agradável por meio de um projeto gráfico e editorial voltado a adequar a diagramação da Bíblia a um novo contexto: dentro do cenário atual de maior interesse em uma leitura contínua como um livro de “consumo” diário, não apenas como parte do culto público, mas também do dia a dia do fiel.

- OBJETIVO GERAL

Desenvolver um projeto gráfico e editorial para a diagramação de uma coleção de livros da Bíblia, a fim de aprimorar esta experiência de leitura como um todo, visando obter um produto rico em experiências estéticas e adequado a leituras longas e contínuas.

- OBJETIVOS ESPECÍFICOS

– Conhecer e analisar o contexto religioso por meio da pesquisa de como e porquê a Bíblia foi dividida da forma que ela se apresenta atualmente. Conhecer e analisar o contexto histórico do surgimento da tecnologia da imprensa por meio do exame da história da Prensa de Gutenberg.

– Identificar os elementos necessários para a construção de uma diagramação que proporcione uma experiência de leitura completa, física e estética.

– Elaborar um projeto gráfico e um projeto editorial para a construção de um conjunto de livros da Bíblia, que sirvam de base para possibilitar que seja feita a Bíblia por completo caso alguma editora venha a se interessar pela publicação.

- PROBLEMATIZAÇÃO

O atual modelo de diagramação da Bíblia é um livro adequado para consultas e leituras litúrgicas, porém nada propício para transporte e leitura diária. Considerando também os estudos já realizados na área de diagramação e projeto gráfico de design de livros por autores como Andrew Haslam, Roger Fawcett-Tang, Caroline Roberts, Richard Hendel e Timothy Samara, essa pesquisa tem por objetivo responder a questão: como desenvolver uma diagramação capaz de envolver o leitor e proporcionar uma agradável experiência de leitura?

- JUSTIFICATIVA

Originalmente, nos manuscritos da Bíblia Sagrada, não havia separações por perícopes – pequenos trechos do texto que possuem sentido ou uma mensagem completa em si –, versículos ou capítulos. De fato, não havia sequer separações entre palavras e vogais ou pontuações. Os manuscritos dos Escritos sagrados eram textos corridos e cartas, escritas de forma possibilitar a leitura da mensagem e sua compreensão como um todo e não apenas por partes.

Foi com o objetivo de facilitar a leitura litúrgica e – mais para frente – possibilitar uma melhor memorização, localização e comparação das passagens bíblicas, que nasceu a necessidade de pesquisar com foco em dividir o texto bíblico.

A Bíblia hoje, encontra-se diagramada de forma a ser utilizada como um livro de consulta, como uma gramática ou um manual. Porém, o que pode ser muito útil para momentos de culto, por exemplo, pode de igual modo desestimular a leitura individual domiciliar contínua e sem distrações dos livros da Bíblia pelos fiéis.

A diagramação tem por objetivo organizar e planejar a disposição de todos os elementos presentes em um livro. Segundo a visão modernista – principalmente defendida pela tipógrafa Beatrice Warde no ensaio “Taça de Cristal

ou A Impressão Deve Ser Invisível” (1932) – essa disposição dos elementos deve ser um meio e não um fim em si mesmo. Seria importante proporcionar que a mensagem seja compreendida sem interferências gráficas. A tipografia deve ser trabalhada de forma tal que passe despercebida.

“Imagine que você tem diante de si uma jarra de vinho[...].Diante de você encontram-se duas taças. Uma é de ouro maciço, trabalhado com extrema delicadeza. A outra é de cristal, um vidro absolutamente claro, fino e transparente como uma bolha. Sirva-se e beba; dependendo da taça que você escolher, saberei se você é ou não um conhecedor de vinho. Pois se, por um motivo ou outro, o vinho não lhe diz nada, você desejará bebê-lo em um recipiente que pode ter custado milhares de libras; mas, se você faz parte daquela tribo em extinção, os amantes das safras de vinho de excelente qualidade, escolherá a taça de cristal, porque tudo nela foi calculado para revelar, e não para esconder, aquela coisa bela que ela está destinada a conter.” (WARDE, Beatrice)

Acredita-se que uma diagramação ruim ou inapropriada pode desestimular a leitura contínua de um livro, assim como uma diagramação consistente não apenas prende a atenção do leitor como melhora a absorção e compreensão do conteúdo. Porém, é possível compor à visão de Warde a de Bringhurst (1992), para quem a tipografia deve chamar a atenção do leitor, mas também deve ser esquecida rapidamente para que a mensagem seja lida. Segundo o autor, ela deve ocupar a função de uma “estátua transparente”.

A tipografia, por exemplo, afeta não somente o discernimento do leitor, mas também a sua percepção sobre a voz e as ideias do autor (HIGHSMITH, 2012). A diagramação é como uma ponte entre a mensagem e o leitor. Se a ponte for extremamente estreita, de madeira já desgastada pela chuva, bamba e cheia de falhas, existe a possibilidade de se desistir de atravessar no primeiro contato. Entretanto, do mesmo modo, se ela for exaustivamente longa, ornamentada com o mais puro marfim e rodeada pela mais bela paisagem, por mais que seja possível chegar ao outro lado, seus pés doloridos não te permitiram se deleitar no caminho.

“O instrumento tipográfico, seja ele um computador ou uma régua de composição, funciona como um tear. O tipógrafo, assim como o escriba, procura tecer o texto da maneira mais homogênea possível. Do mesmo modo, os bons tipos são desenhados para produzir uma textura vivaz e

homogênea, mas o espaçamento descuidado de letras, linhas e palavras pode rasgar esse tecido.” (BRINGHURST, Robert)

A Bíblia possui uma narrativa escrita para ser lida como um todo, não apenas consultada em partes. Ela deveria ser lida diariamente com diligência e preparo, a fim de ser recebida com fé pelos fiéis. Deveria ser lida como uma carta ou um romance para ser possível gravá-la no coração e praticada na vida. Para esse fim, esse projeto prevê uma diagramação mais apropriada para o estilo literário dos livros da Escritura. Uma diagramação que permita o enfoque na mensagem lida diariamente, facilitando uma leitura sem distrações e eficaz para o crescimento individual do fiel.

- METODOLOGIA

Esse projeto enquadra-se como pesquisa explicativa qualitativa, uma vez que busca explicar os fenômenos que levaram a diagramação bíblica atual e suas variáveis por meio de dados mais subjetivos, como análises documentais e revisões bibliográficas. Busca também desenvolver um projeto editorial e gráfico inspirado não só em aspectos do que Beatrice Warde denominaria transparência, mas também em análise de sensações, estudadas por meio dos estudos de caso do capítulo 3.

Em um primeiro momento, será feito um breve exame do contexto religioso no qual a Bíblia chegou à diagramação e divisão que se encontra atualmente. Também foi realizado um exame do surgimento da tecnologia da imprensa e como isso foi vital para a propagação da Bíblia e da Reforma Protestante que visava tornar as Escrituras acessíveis a todos.

Em um segundo momento, serão feitos estudos sobre diagramação, por meio de estudos de caso, pontuando principalmente religião, contemporaneidade e material gráfico, focado na análise de construção de sensações e emoções com o intuito de transmitir uma mensagem.

Por fim, foi projetado um manual passo a passo de construção da identidade, projeto gráfico e diagramação dos livros da Bíblia como uma série de pequenos volumes individuais.

CAPÍTULO 1: EXAMINANDO O CONTEXTO RELIGIOSO E O SURGIMENTO DA TECNOLOGIA DA IMPRENSA

1.1 VERSÍCULOS E CAPÍTULOS

Em meados do século XIII, diversos eruditos cristãos e judeus começaram a desenvolver formas de dividir as Escrituras Bíblicas em pequenas partes, ou capítulos, a fim de facilitar o estudos dos textos e a localização de trechos específicos. Os chamados “massoretas” – judeus responsáveis pela preservação das Escrituras – utilizaram sistemas como o “Sedarim”, o “Perashiyot” e o “Pesuquim”; tipos divergentes de versos. Os cristãos utilizaram os “Cânones eusabiani”, de Eusébio de Cesareia.

As Escrituras Bíblicas originalmente eram escritas em formato de cartas, pois eram de fato cartas dos apóstolos ou reproduções dos profetas de tudo que Deus os transmitia e revelava. Essas cartas eram escritas de forma tal que o leitor pudesse entender toda a mensagem que precisava ser passada, por isso, não haviam separações ou divisões como encontramos hoje. Essa Bíblia com as divisões que conhecemos foi formada ao longo dos anos e de diversos processos e estudiosos.

Foi entre 1234 e 1242 que o teólogo e clérigo inglês Stephen Langton, a partir do texto da Vulgata – tradução da Bíblia em latim – de São Jerônimo, fez a divisão dos livros do Antigo e do Novo Testamentos, em capítulos de tamanhos similares, muito parecidos com os que possuímos hoje nas versões impressas. Não se pode deixar de frisar, que nessa época ainda estamos nos referindo a Bíblia manuscrita.

Até o início do século XVI, as Bíblias eram publicadas com suas divisões apenas em capítulos. Foi assim com a primeira impressão da Bíblia de Gutenberg

e com a Bíblia traduzida por Lutero, por exemplo. Entretanto, no mesmo século – influenciado pelos “massoretas” – Robert d’Etiénne, editor e erudito francês, junta a divisão de capítulos com a divisão em versículos numéricos, buscando facilitar ainda mais o estudo das Escrituras.

Robert d’Etiénne era experimentado em línguas como grego, hebraico e latim, além de possuir sua própria oficina de impressão; o que o possibilitou realizar a impressão das primeiras literaturas cristãs, além de um dicionário de latim e as Institutas de João Calvino. Após editar uma versão da Bíblia que criticava e apontava erros nos manuscritos da Vulgata latina, usada pela igreja católica, foi considerado herege e fugiu da morte na fogueira se refugiando na Suíça, onde se uniu ao protestantismo calvinista.

Em 1560, na Suíça, é publicada então a Bíblia de Genebra com as divisões de versículos e capítulos como ela se encontra até os dias de hoje: 66 livros divididos em Antigo e Novo Testamento – 39 livros no AT e 27 no NT –, cerca de 1189 capítulos e por volta de 30 mil versículos com pequenas diferenças entre diferentes traduções e edições da Bíblia.

1.2 O LIVRE EXAME DAS ESCRITURAS

A Reforma Protestante foi um movimento religioso que buscava fazer com que a igreja voltasse à pureza original do Novo Testamento Bíblico, uma vez que essa se encontrava corrompida por práticas corruptas, como por exemplo as indulgências. Os reformadores protestantes procuravam reformar a teologia praticada pela igreja, em concordância com os ensinamentos Bíblicos. Para isso, era preciso que não mais a tradição e costumes fossem as autoridades da vida cristã, mas sim a Bíblia voltasse a ocupar essa posição.

Lutero não foi o primeiro a perceber a incoerência entre a doutrina impressa nas Escrituras e o que a igreja pregava, mas foi a partir dele e de suas 95 teses criticando as práticas da igreja católica que se iniciou a grande busca pela reforma das doutrinas de fé da igreja em Roma.

“Gostaria que a mulher mais simples pudesse ler os evangelhos e as epístolas do apóstolo Paulo. Gostaria que essas palavras fossem traduzidas para todas as línguas, a fim de que não só os escoceses e os irlandeses, mas também os turcos e os sarracenos pudessem lê-las. Desejo que o lavrador as cante para si mesmo enquanto trabalha com seu arado, e o viajante preencha com elas a monotonia de sua viagem.” (LUTERO)

Lutero defendia que todos deveriam ter acesso a palavra para poder examinar se o que estava sendo pregado pelas igrejas era verdadeiramente a palavra de Deus. Segundo a Reforma Protestante iniciada por Lutero, somente as Escrituras eram autoridade de fé e prática para a vida do Cristão, e não a tradição, como defendido pela igreja Católica.

O retorno às Escrituras era o cerne da Reforma Protestante. Através do acesso a Palavra de Deus, o povo poderia finalmente obter de forma ilimitada e direta os ensinamentos da Bíblia. Proporcionar que cada nação tivesse um exemplar traduzido na sua língua era então fundamental. Por isso o papel tão importante da prensa de Gutenberg na história da Igreja.

A Bíblia traduzida por Lutero, além de ser mais acessível por questões de preço, havia sido traduzida por ele para o alemão mais simples falado pelo povo. O seu sucesso foi reconhecido quando até mulheres e crianças que possuíam pouquíssimo conhecimento de leitura, conseguiram entender o Novo Testamento.

1.3 A TECNOLOGIA DA PRENSA DE GUTENBERG

Os processos de impressão passaram por grandes evoluções até chegarmos ao que temos hoje. Antes da impressão, toda escrita era feita de forma manual, principalmente por monges que dedicavam toda a sua vida a cópia de livros. Os copistas utilizavam apenas penas de ganso e tinta para produzir essas cópias sobre materiais nobres como os pergaminhos feitos de peles tratadas de carneiros, argila ou papiro; o que fazia esse ser um processo lento e consequentemente caro.

Johannes Gutenberg não foi o primeiro a trabalhar com tipos impressos. No oriente, chineses e coreanos por volta do século VIII a.C, começaram a trabalhar com ideogramas entalhados de forma individual, dando os primeiros passos em direção às matrizes utilizadas de forma isolada para imprimir caracteres. Os chineses usavam placas de madeira esculpidas e tinta para realizar suas “impressões”.

“A maior contribuição de Gutenberg talvez seja o fato de que sua impressão alcançou um estado de eficiência técnica que não foi superado até o início do século XIX[...] Apesar de Gutenberg não ter inventado a maioria dos artificios que lhe são creditados, sua façanha repousa na síntese científica de um produto prático e econômico. O molde ajustável, que Gutenberg de fato inventou, permitiu que um modelo produzido por um designer fosse repetido milhares de vezes.” (HALEY, 1992)

Em torno de 1455, Gutenberg utiliza seus conhecimentos de ourives para moldar metais e cunhar os tipos móveis empregados em sua prensa. Por mais que ele não tenha inventado a técnica, Gutenberg aprimora o processo de forma a chegar em uma tecnologia de molde nunca antes alcançado e muito parecida com o utilizado atualmente.

“A descoberta da impressão foi um dos grandes momentos de transformação da humanidade, e foi de especial importância para a história da ciência. Ela [...] substituiu precárias formas de tradição (oral e escrita), por uma que era estável, segura e duradoura; é como se a humanidade tivesse subitamente obtido uma memória confiável em vez daquela que era instável e enganadora.” (Eisenstein, 1997)

Com a maior e mais econômica propagação de livros, houve também uma maior propagação de conhecimento, permitindo o desenvolvimento de cada vez mais intelectuais e intercâmbios culturais.

Após aproximadamente cinco séculos de inalteração nas técnicas de impressão nasce a litografia, técnica que – ao contrário dos moldes de Gutenberg que realizavam a impressão através de uma matriz de relevo – realizava a impressão por meio de uma superfície em que se produz o desenho de forma

invertida, aplicando um líquido composto de água gomada e ácido que faz com que a tinta tenha aderência apenas nas partes desejadas e não em toda a pedra. Assim, é possível realizar a impressão através de um processo químico e não mecânico.

“Com a litografia, o artista se liberta dessas restrições mecânicas e das dificuldades técnicas do entalhe, recuperando parte das características dos manuscritos medievais, cuja a impressão favorecia o caráter multiforme do desenho tipográfico.[...] O design era feito na prancha do artista em vez de na fôrma de metal do compositor. Sem as tradições e as limitações da impressão tipográfica, esses designers puderam inventar qualquer desenho de letra que satisfizesse sua imaginação, e exploraram uma ilimitada paleta de cores alegres e vibrantes nunca antes disponíveis para a comunicação impressa.” (Gaudêncio, 2004)

Essas são as raízes da impressão offset utilizada desde a segunda metade do século XX até os dias atuais. Por ser rápida e de grande qualidade, é a forma de impressão mais utilizada atualmente. O seu nome vem do dizer *“offset lithography”*, literalmente litografia fora do lugar, fazendo referência às suas raízes. Fora do lugar se refere ao fato de que, enquanto a litografia fazia uma impressão direta – o texto impresso direto no papel – o offset faz uma impressão indireta.

1.4 O PRIMEIRO LIVRO

Para imprimir o primeiro livro, Gutenberg forjou letras em chumbo e as organizou manualmente formando painéis de duas colunas e 42 linhas. Johannes queria que sua impressão fosse semelhante ao manuscrito, isso significava usar como modelo o caractere gótico, também escolhido por possuir características que facilitam sua transcrição para módulos intercambiáveis (GAUDÊNCIO, Noberto, 2004).

“Embora Gutenberg estivesse interessado em imitar a aparência dos livros manuscritos, seu método diferia radicalmente da prática caligráfica[...]. Mesmo no uso de ferramentas de entalhe, o recorte do

tipo exigia um manuseio que era muito mais relacionado com raspar e igualar do que com o delinear” (CHAPPELL, 1999)

A Bíblia impressa por Johannes Gutenberg é o símbolo-chave de um momento de transição da história da humanidade. Gutenberg não inventou, mas sim aperfeiçoou a técnica de tipos móveis que havia sido inventada na China por Bi Sheng. A imprensa aperfeiçoada por Gutenberg provocou uma revolução: a propagação do “conhecimento para todos” (HEITLINGER, 2006).

Com o primeiro grande livro impresso no ocidente a partir dos tipos móveis de metal utilizados por Gutenberg – a Bíblia de 42 linhas, duas colunas e cerca de 1.281 páginas –, o trabalho de “impressão” de livros que era realizado pelos copistas na época, se transformou em um processo mais fácil e rápido, o que foi uma revolução na difusão do conhecimento abrindo espaço para uma renovação nos meios de comunicação.

A propagação de livros como a Bíblia passou a acontecer de forma intensa, visto a facilidade que agora havia na produção e reprodução de livros inteiros usando a técnica da imprensa. Essa facilitação da propagação de livros como as Escrituras foi de fundamental importância para o sucesso da Reforma Protestante, que buscava retomar a Bíblia como elemento de autoridade máxima na doutrina da igreja, uma vez que antes da invenção da imprensa a circulação da Bíblia era extremamente restrita.

CAPÍTULO 2: DESENVOLVENDO A EXPERIÊNCIA DA LEITURA

2.1 EXPERIÊNCIA FÍSICA DA LEITURA

Bringhurst (2011) em seu livro “Elementos dos estilo tipográfico”, compara uma página a um edifício ou a uma sala, os quais dependendo de suas proporções e tamanhos são claramente mais aprazíveis aos seres humanos do que outras. Isso acontece de maneiras bem específicas.

Cada espécie de peça gráfica possui seus aspectos específicos que os distinguem entre si e que, provavelmente foram escolhidos como o tipo de padrão por serem os mais adequados a cada situação. Assim também aconteceu com o livro com suas páginas sequenciais em pares que devem fluir de forma leve, para que não seja exigido um esforço muito grande para ser aberto e manuseado durante a leitura.

“O texto pode ser composto em dezenas de tipos diferentes, mas somente quando o espaçamento de todos os elementos e margens forem relacionados entre si o corpo do tipo escolhido ajustar-se com exatidão à largura da linha de texto, poderá o olho do leitor trabalhar sem esforço. O espaço na página revela a mensagem tanto quanto o espaço na cidade revela os detalhes arquitetônicos.” (RYDER, John)

A tipografia por diversas vezes não foge desse propósito. Muitas são projetadas já visando o padrão dos papéis industriais. Com o decorrer dos anos, muitas proporções começaram a se repetir nos projetos tipográficos por serem reconhecidamente mais agradáveis ao olho e mente humana. Essas proporções estão quase sempre ligadas a formas geométricas simples, como triângulo, quadrado, retângulo, etc. Proporções essas que também se repetem na natureza e em diversos monumentos antigos.

Para a construção de um bloco de texto direcionado para uma leitura contínua, Bringhurst instrui que o diagramador deveria buscar fazer a composição de colunas consideravelmente mais altas do que compridas. Simplesmente pelo fato de que assim como na escrita alfabética, na leitura também é predominante o movimento horizontal. Por manter um ritmo agradável na movimentação do olho por meio de várias linhas, a coluna mais larga permite ao leitor manter uma leitura mais atenta, sem a pressa e displicência que muitas vezes pode acontecer em colunas mais estreitas.

2.2 O LIVRO

Quando o assunto é o design de livros, o projetista gráfico deve, antes de tudo, conhecer o que está sendo dito naquela obra e como está sendo dito – o tom, o estilo do autor. As palavras são o coração do livro (HENDEL, 1999), mas o designer não precisa necessariamente compreender a obra em profundidade. . Entretanto saber o mínimo sobre as palavras é essencial para uma orientação sobre o estilo a seguir no projeto gráfico.

É importante que o designer tenha um bom alicerce para esses processos, que ele conheça também os clientes para quem ele está projetando, o que eles esperam daquele projeto, e qual o seu orçamento. Em resumo, ter um *briefing* completo para que o projeto possa seguir no caminho certo. No caso do livro, o editor, o autor e o leitor são o público alvo.

“Ao contrário dos itens de formato único, como cartazes ou anúncios, até mesmo documentos singulares contendo mais de 8 ou 12 páginas exigem que os designers se concentrem nas questões decorrentes da leitura extensa: organizar grandes volumes de conteúdo em pacotes de informações relacionadas; trabalhar a tipografia para que seja confortavelmente legível ao longo de diversas páginas, mas mantendo a leitura vivaz o suficiente para envolver o leitor.” (SAMARA, 2005)

Ao iniciar o projeto de fato, o designer deve considerar cada questão relativa a envolver o leitor na mensagem do livro por longos períodos de tempo. Isso envolve pensar cada elemento do livro e desenvolvê-lo de forma a passar a mensagem. O trabalho do designer na construção de um livro não é estritamente racional. Como um profissional criativo, é compreensível que seus processos sejam uma mistura de análises conscientes, decisões racionais e algumas decisões não tão conscientes derivadas principalmente das próprias experiências do profissional e da reflexão vertical e aprofundada sobre o tema.

Certa vez, realizando um projeto gráfico de um livro com um conteúdo rico escrito de forma leve, relativamente longo, com muitos caracteres, porém com um orçamento mais enxuto e de autor pouco conhecido pelo público, me

vi tendo que buscar formas que tornassem possível ter um número de páginas consideravelmente reduzido.

De primeiro, pensei sobre o formato do livro. Um formato médio padrão, 14x21 tornaria minha tarefa de fazer com que o livro não se tornasse um bloco muito mais difícil. Escolhi então o formato 16x23, um pouco maior que o padrão, porém ainda tranquilamente portátil, e que me possibilitaria um maior número de linhas por página. A fonte foi minha segunda escolha. Procurei, obviamente, por uma fonte que possuísse um desempenho maior que as mais tradicionais – ou seja, que acomodasse mais palavras em um mesma linha – mas que ainda fosse confortável para longas leituras. Assim encontrei a Brill, uma fonte mais robusta e com formas mais simples, que permite maiores reduções sem perder legibilidade e conforto. Por ser levemente mais estreita, tem o desempenho de 1-3 mais linhas por página. A escolha da Brill então foi o que resultou no sucesso da redução de custos de produção desse livro, possibilitando um preço mais atrativo aos leitores.

Logicamente, além desses dois elementos, a construção de um livro também envolve um trabalho das margens, ajuste de entrelinhas e entre palavras; o trabalho dos parágrafos e outros detalhes mais específicos de cada obra. Trataremos mais de perto de alguns desses elementos no próximo tópico.

2.3 OS ELEMENTOS

2.3.1 Formato

De todos os elementos, o formato é o elemento que mais possui padrões já pré estabelecidos, se não pelo editor, pelas gráficas, baseando-se na economia de papel. O formato de um livro é a relação entre sua altura e largura. Uma vez que a altura é maior que a largura denomina-se o formato de retrato. Já quando se tem a largura maior que a altura, temos o formato paisagem; e quando os dois possuem o mesmo tamanho temos o quadrado.

O formato escolhido deve ser pensado cuidadosamente – por razões estéticas, de praticidade e economia –, buscando sempre atender questões de

manuseio e de conforto para a leitura. Desde as primeiras impressões de Gutenberg, o formato mais utilizado e recomendado para livros tem sido o retrato com o seu retângulo baseado na proporção áurea. Entretanto, o projeto gráfico não precisa se ater somente a essa abordagem. Hoje em dia, além da seção áurea, outras abordagens como a escala cromática de Bringhurst, o sistema modular de Le Corbusier e os retângulos racionais e irracionais podem ser utilizados quando pensamos em proporções do formato.

2.3.2 Tipo

O tipo, sem dúvidas, é o mais importante e influente dos elementos. Muitas vezes, é também o mais trabalhoso de ser escolhido, principalmente pela farta seleção de fontes disponíveis. O tipo é a base para todas as outras decisões a serem tomadas em relação a diagramação do livro. Ele pode ser o principal responsável pela ruína ou pelo sucesso de uma obra, pois é o meio direto pelo qual a mensagem toma forma.

O objetivo principal do tipo é sempre a legibilidade. Uma fonte bem escolhida deve motivar o leitor e possibilitar uma leitura confortável por um longo período de tempo. Outro foco é a clareza ao transmitir a mensagem. Na escolha da fonte, o designer pode influenciar o tom do livro, o caráter e até mesmo a própria mensagem.

“Palavras bem escolhidas merecem letras bem escolhidas; estas, por sua vez, merecem ser compostas com carinho, inteligência, conhecimento e habilidade. A tipografia é um elo, e como tal deve ser forte quanto o resto da corrente, por uma questão de honra, cortesia ou puro deleite.

[...]

Em um livro mal desenhados, as letras, pulverizadas, postam-se como cavalos famintos no campo. Em um livro desenhados mecanicamente, elas assentam como pães mofados e carne de terceira na página. Já um livro bem-feito, no qual designer, compositor tipográfico e impressor fizeram, todos, o seu trabalho, as letras estão vivas, não importa quantos milhares de linhas e páginas tenham que ocupar. Elas dançam em seus lugares” (BRINGHURST, Robert, 1992)

2.3.3 Margem

As margens na tipografia possuem três propósitos básicos: conectar texto e página e páginas opostas entre si, e emoldurar e proteger o bloco de texto. Tradicionalmente, livros que possuem texto corrido são diagramados com páginas espelhadas, em que a margem interna lateral das páginas é mais estreita que a margem externa lateral. A margem do cabeçalho é menor que a do rodapé, a maior de todas.

O fato de as margens externas e inferiores serem as maiores, normalmente é para o melhor manuseio da página pelo leitor, sem cobertura do texto pelo polegar. Segundo as convenções da proporção ideal sugerida no Renascentismo – que tem sido reapropriada nos dias de hoje –, a margem inferior era deixada com maior espaço para que o polegar do leitor ali segurasse, mas sempre há a possibilidade de o leitor querer segurar a obra pelas laterais, de onde surgem diagramações que começaram a deixar a margem lateral externa um pouco mais robusta. Por “fugir da regra” isso pode ser visto como fora do convencional.

2.3.4 Parágrafo

O parágrafo é um conjunto de palavras em frases, agrupadas de maneira a formar um bloco de texto. Largo, estreito; com espaço eme, com menos ou mais que isso. Sem espaço, apenas com um recuo. Alinhado a esquerda ou justificado. O designer tem à sua disposição um leque de opções para executar a diferenciação de parágrafos e posição. Porém, é preciso cuidado, pois o segredo para uma boa composição de livro pode estar precisamente na compreensão de como funciona um parágrafo e as relações que são traçadas dentro dele. Essas relações tratam prioritariamente do corpo da fonte escolhida, espaço entre palavras e espaço entrelinhas.

Quando uma fonte é escolhida, possui seus espaços previamente definidos pelo tipógrafo. Sua entreletra, entrepalavra e entrelinha, possuem uma relação de hierarquia prévia, que deve ser respeitada pelo designer a fim de não tornar a leitura confusa e de difícil navegação.

2.3.5 Grid

O grid é um conjunto de linhas com uma relação de alinhamento que servem como guias para solucionar problemas de grande complexidade visual e organizacional de qualquer produto de design. Ele proporciona ao projeto melhores chances de possuir uma continuidade na identidade, assim como fluidez, clareza e maior eficiência de utilização do espaço. Por servir de base, uma vez construído, o grid possibilita maior agilidade ao profissional, além de trazer segurança para seguir com o projeto sem que seja necessário perder estrutura.

Quando um grid é desenvolvido para um livro, ele deve primariamente avaliar a forma e o volume do texto presente no projeto. O designer deve tomar o formato do texto como base para a construção de seu grid, assim como a quantidade de texto. Samara ensina que para um projeto que deve se manter dentro de um número pré determinado de páginas, o designer pode a partir dali ter uma ideia de quantas linhas de texto ele pode ter por página, definindo assim seu ponto de partida.

2.4 EXPERIÊNCIA ESTÉTICA DA LEITURA

A experiência estética na leitura acontece quando nos permitimos entrar no mundo que a obra nos apresenta. Não se dá quando assimilamos a beleza que nos proporciona, mas quando de fato participamos dela. Ademais, o sentir e estar aberto a obra é parte essencial para que haja verdadeiramente uma experiência estética.

Essa imersão que é necessária, pode nos proporcionar a experiência extremamente subjetiva. Ao mesmo tempo, pode nos permitir abrir nossos sentidos para novas percepções acerca do mundo ao nosso redor e da realidade em que vivemos. Acerca de nós mesmos e acerca da nossa percepção de tempo. Tratando-se então não de uma experiência voltada puramente para o intelecto de seu destinatário, mas sim para ele como pessoa por completo.

Estética é aquilo que se pode ser percebido pelos sentidos ou pela sensação. A leitura se torna objeto estético então quando a assimilação da mensagem é realizada pelo destinatário por meio dos sentidos, permitindo que haja primeiramente uma contemplação subjetiva e a partir desse encontro estético proporcionado pela leitura, passe-se ao juízo como última instância da experiência.

Culler (1990) defende que objetos estéticos, incluindo a escrita, ao combinarem elementos sensoriais – como cores, sons e outros artifícios gráficos – e conteúdo espiritual, as ideias, fazem uma mímica da possibilidade de se unir o material com o sensorial, ou espiritual. Sendo assim, a leitura é um objeto da experiência estética pois, em todas as suas funções comunicativas, ela persuade o leitor através da relação forma e conteúdo.

CAPÍTULO 3: BUSCANDO SENSações: ESTUDOS DE CASO

3.1 ESTUDO DE CASO: LECIONÁRIO COMUM REVISADO

Um lecionário é uma seleção de passagens das Escrituras selecionadas e organizadas de forma tal a auxiliar igrejas no culto coletivo. Por todo o mundo, lecionários de diferentes formas podem ser observados – dependendo da denominação e do país onde se encontra – organizando e orientando cultos públicos. O Lecionário Comum Revisado é um conjunto de livretos de um ciclo de três anos que segue o calendário cristão. Dividido semanalmente, possui uma seleção de textos bíblicos de modo a conduzir o cristão por grande parte das Escrituras. De modo geral, as quatro lições incluem uma leitura em Salmos, uma no Antigo Testamento, uma no Novo Testamento e uma nos Evangelhos – buscando manter o foco no texto do Evangelho enquanto as outras complementam e auxiliam no entendimento do texto principal.

Comumente, lecionários são usados para orientar cultos públicos. O Lecionário Comum Revisado, por outro lado, foi projetado para uso diário na

devocional pessoal semanal. As leituras de segunda a quarta são relacionadas aos textos do domingo que se passou, e as de quinta a sábado relacionadas ao domingo seguinte. O Lecionário Comum Revisado, também se utiliza da prática de leitura repetitiva, buscando incentivar uma leitura mais profunda e reflexiva no texto lido.

O Lecionário Comum Revisado reúne contemporaneidade, religião e design em cada livro, de forma a conquistar a atenção principalmente da geração millenium, interessada em minimalismo e praticidade. Por conter aspectos semelhantes aos das liturgias praticadas na igreja católica, acredito que o lecionário tente buscar a retomada de coisas boas que eram praticadas por toda a igreja e que acabaram sendo abandonadas na Reforma juntamente com todas as práticas ruins praticadas pela igreja.

Os livretos do Lecionário Comum Revisado possuem cada volume uma cor diferente. Essa cor também é utilizada na parte interna para auxiliar na hierarquia dos elementos e dos momentos da liturgia devocionária, transmitindo assim maior confiança para o leitor de como deve ser realizado cada passo do momento de leitura devocional, por meio de sutis elementos gráficos.

O Lecionário Comum Revisado não foi escolhido para esse estudo por ter realizado ou deixado de realizar uma diagramação que sirva de exemplo para o projeto. O fator principal para essa escolha foi o que ele alcançou como experiência. Ele pode ser associado a este projeto de diagramação da Bíblia, pois ambos visam possibilitar que o cristão tenha mais acessibilidade e facilidade para ter uma rotina de leitura Bíblica e vida devocional por meio de uma experiência diferente daquela que já estão habituados.

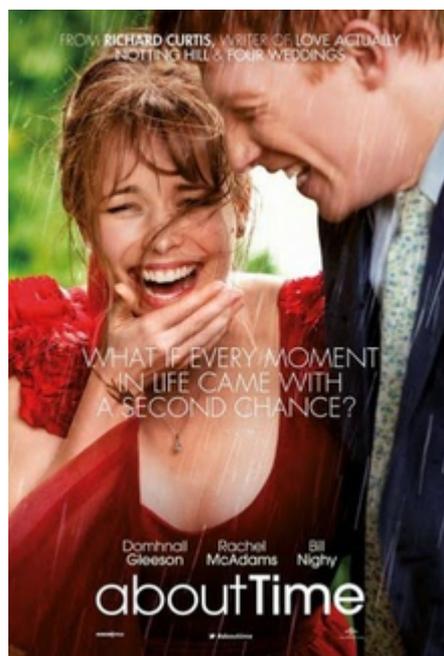
3.2 ESTUDO DE CASO: FILME QUESTÃO DE TEMPO (ABOUT TIME)

“About Time” é um longa britânico que une romance, comédia e drama em 2h03 de filme que passam voando. Com roteiro e direção de Richard Curtis, o filme conta a história de Tim Lake (Domhnall Gleeson), que ao

completar 21 anos é surpreendido pelo pai (Bill Nighy) com a revelação de que todos os homens da família possuíam o poder de viajar no tempo. Tim logo decide que usaria esse poder para encontrar uma namorada e acaba descobrindo que nem este poder maravilhoso tornaria essa tarefa mais fácil.

Terminado o verão, Tim se muda para Londres para trabalhar como advogado e acaba conhecendo Mary (Rachel McAdams), uma revisora de livros e fã de Kate Moss. Os dois iniciam um relacionamento, mas antes que se pense estar assistindo apenas mais uma comédia romântica, o filme vai se revelando de uma forma leve e simples, porém surpreendente.

Questão de tempo não é um filme sobre viagem no tempo, muito menos um filme “garoto encontra garota”. Também não é apenas um filme sobre o amor como pode parecer, mas sim um filme sobre o deleite na vida ordinária.



Hoje em dia a exaltação do fantástico está cada vez mais forte e presente em nossos filmes e diversos meios de comunicação. *About Time*, está de certa forma fora do convencional, engrandecendo a simplicidade da vida cotidiana. Mesmo o elemento fantástico presente no filme – a viagem no tempo – consegue ser retratado de forma tal a parecer apenas mais um aspecto ordinário da vida do personagem, além de acabar servindo mais como elemento a serviço do desenvolvimento narrativo. Os diálogos mais profundos e os melhores *insights* de Tim e seu pai, são claramente mais desenvolvidos por acontecimentos do cotidiano do que pelo elemento fantástico.

Esse deleite na simplicidade da vida comum, o contentar-se naquilo que nos é dado na vida ordinária, poderia – partindo de um ponto de vista religioso – ser relacionado a um conceito de graça comum de Deus, a graça que se estende a todos os seres humanos, crentes ou não. Mas sem querer forçar elementos religiosos em um filme que passa longe de se propor a isso, acredito que a forma como o casamento é retratado – a fidelidade, a seriedade e firmeza dos envolvidos neste “contrato” – seria o elemento cristão do filme. Sendo que o casamento dentro da religião é o maior símbolo do pacto feito com o Criador e a sua noiva, a igreja.

Cada aspecto, cada detalhe desse longa possibilita ao telespectador que permaneça por essas 2h03 de filme sem perceber a passagem de tempo. A fotografia, a trilha sonora, o tom dos diálogos; tudo corrobora para uma sensação de descanso e conforto. Os tons pastéis presentes mesmo em cenas mais vivas e a personalidade dos personagens faz com que o telespectador sinta-se vivendo e apreciando aquele dia a dia como se fosse o seu.

Buscamos esse mesmo conforto que permite a experiência do passar pelas horas sem realmente percebê-las, trazida pelo harmonioso encaixe dos elementos gráficos com a narrativa. Essa mesma ponte de equilíbrio que leva a mensagem ao seu destinatário sem ruídos, clara e legível, ao mesmo tempo que encanta seu espectador sem distraí-lo do foco. Esse é o ponto de contato que o filme possui com o projeto em questão, que busca sensações análogas, ao entregar as mensagens das Escrituras por meio de uma diagramação adequada, de encaixe harmonioso, que encante, porém não tire o foco do seu leitor.



3.3 ESTUDO DE CASO: APLICATIVO *DWELL BIBLE*

Aplicativos e sites através dos quais o leitor pode ouvir um livro além de lê-lo estão começando a ganhar cada vez mais espaço devido a sua praticidade. Eles permitem que pessoas com uma rotina corrida, que gostariam de ter tempo para desfrutar de um livro ou adquirir o conhecimento contido por ele, possam fazê-lo sem precisar parar seus outros afazeres do dia a dia. O *Dwell Bible* é uma aplicativo que permite essa praticidade para o leitor que deseja ler/escutar a Bíblia.

Lançado em 2017, o aplicativo se propõe a trazer uma experiência completa e customizável para cada indivíduo, cultivando o ato de ouvir a Bíblia no cotidiano. O *Dwell Bible* disponibiliza o áudio de estudos, histórias, planos de leitura e passagens avulsas, entre diversos outros elementos para auxiliar o cristão no seu aprofundamento de contato com a palavra.

Para proporcionar essa experiência completa ao leitor, o aplicativo conta com um bom acervo de músicas originais, compostas para combinar com a leitura de cada livro da Bíblia sem distrair o leitor/ouvinte. A música como um elemento para tornar a leitura mais cativante e leve, pode ser escolhida pelo leitor ou sugerida pelo próprio aplicativo. Esse elemento faz uma grande diferença quando se trata de buscar permitir que o leitor mergulhe na leitura da palavra. As sensações despertadas pela música, seja ela qual for, levam o leitor a uma experiência estética mais profunda do que aquelas com apenas as palavras em si da história, que não conseguiriam sozinhas.

Outro elemento do qual o aplicativo se utiliza para encantar e entregar essa experiência que se propõe a proporcionar, é uma seleção de artes originais, produzidas por designers e artistas para ilustrar cada livro, história ou estudo disponibilizado pelo aplicativo. O *Dwell Bible* como um todo é um aplicativo que possui um bom apelo estético, e já encanta pelo design do seu *layout*. Juntamente com as artes produzidas especificamente para cada livro a experiência se torna completa.

Todo esse conjunto que pode ser observado no *Dwell Bible* como uma forma de melhor auxiliar a leitura encantando e envolvendo o leitor enquanto ele lê, consegue trazer a experiência que eu busco nesse projeto de

diagramação da Bíblia. Por isso, foi escolhido para fazer parte desses estudos de caso, no qual busco por sensações que quero transmitir com o projeto. O aplicativo encanta, envolve e transmite a mensagem que deseja passar, sem fazer demais, sem distrair e trazendo praticidade na introdução da palavra no dia a dia do cristão.

3.4 ESTUDO DE CASO: DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA

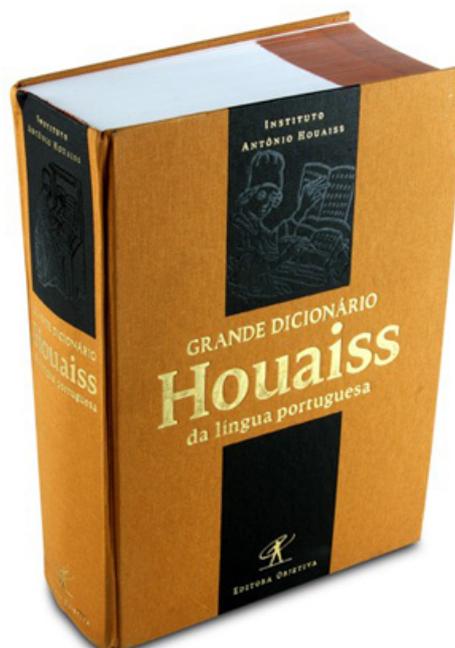
O dicionário Houaiss da Língua Portuguesa foi comparado a este projeto e indicado a mim desde o início dos trabalhos. Lançado em 2001, o Grande Dicionário Houaiss foi desenvolvido por uma vasta equipe de especialistas lexicógrafos, revisores e redatores. Possui um projeto gráfico diferenciado que o torna destaque entre os outros dicionários não apenas por ser o maior e mais completo da língua portuguesa, mas por seu projeto editorial e gráfico.

Com acabamento em capa dura e papel-bíblia de alta performance, o trabalho realizado no conjunto de características visuais e nos elementos dessa peça gráfica são simples, mas produzem um belíssimo resultado. Também permitem uma melhor visualização e localização para o usuário por meio de um simples uso da cor para destacar a classificação da palavra, o que também trás um fascínio a mais para uma peça originalmente monótona, como normalmente pode ser o dicionário.

Esse trabalho transmite a sensação de uma maior preocupação com a experiência estética do usuário desse dicionário, que o encante e conquiste, sem descuidar da ergonomia da navegação. Esse é o principal ponto de contato com a experiência buscada por esse projeto.

A nova edição do dicionário Houaiss, lançada em 2005, buscava o desenvolvimento do conteúdo e do projeto gráfico de forma a permitir que o preço final da peça fosse mais acessível a um maior número de leitores, sem que perdesse o atrativo da estrutura e as informações da primeira edição. Ele possui um trabalho de compressão e síntese de informações para proporcionar

maior agilidade e praticidade ao leitor e reduzir o volume da peça. O acabamento continua sendo capa dura e papel-bíblia, porém a arte da capa foi modificada para algo menos minimalista.



CAPÍTULO 4: PROJETO EDITORIAL DOS LIVROS DA BÍBLIA

4.1 OBJETIVO

Esse projeto editorial visa viabilizar uma versão da Bíblia que seja facilmente transportável e manipulável, para que assim possa ser lida não no âmbito do culto, mas principalmente no dia a dia, tanto dentro quanto fora do ambiente doméstico. Não apenas para estudo da mensagem, mas para aproveitamento dela como uma literatura. Para isso, o livro irá conter elementos gráficos e ergonomia favorável para uma leitura mais fluida e magnética.

Esse projeto é focado em uma leitura individual, para crescimento pessoal, não para utilização litúrgica, em momentos de culto ou leituras comunitárias, como é o principal propósito da diagramação tradicional da Bíblia.

4.2 PÚBLICO-ALVO

Essa publicação é destinada tanto para jovens cristãos entusiastas dessa retomada de leitura da Bíblia no dia a dia, como um romance, fora do contexto de culto, quanto para colecionadores interessados em versões com um maior apelo gráfico e diferentes propostas editoriais da Bíblia.

O público-alvo desse projeto possui uma ampla faixa etária, uma vez que foi manifestado interesse entre jovens de 18-35 anos e também por pessoas mais maduras, de 40 - 55 anos.

Por ser uma edição colecionável com elementos mais sofisticados, a classe social pretendida é média-alta, no caso da aquisição da coleção completa. Nada impossibilita que, vendidos separadamente, os livros possuam preços acessíveis para classes mais humildes.

4.3 POLÍTICA EDITORIAL

A missão desta publicação é tornar a leitura mais envolvente, , aprazível e charmosa. Isso foi possibilitado por meio de uma escolha tipográfica, cores e elementos gráficos no projeto, que proporcionem leveza e atrativo à publicação.

4.4 LINGUAGEM

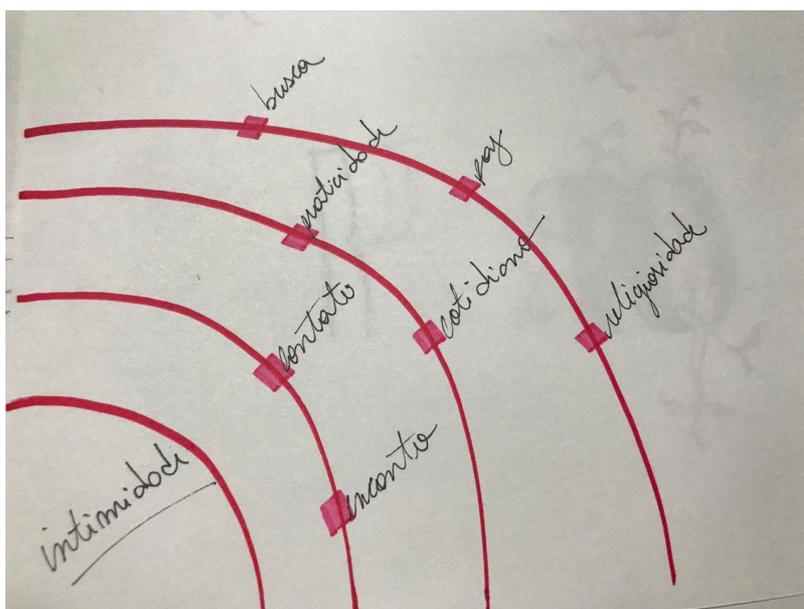
A linguagem escolhida foi a da tradução Almeida Revista e Atualizada, devido a sua ampla aceitação tanto no meio Protestante quanto Católico e por ser a mais popular no Brasil, onde será comercializada.

CAPÍTULO 5: PROJETO GRÁFICO DOS LIVROS DA BÍBLIA

O Projeto Gráfico especificado nos próximos tópicos deverá ser seguido em todos os volumes dessa coleção de livros da Bíblia, com o objetivo de preservar a identidade escolhida para o projeto e manter o elo entre todos os livros.

Os volumes da coleção serão divididos da seguinte forma: Pentateuco (5 livros), Históricos I (5 livros), Históricos II (7 livros), Poéticos (5 livros), Profetas Maiores (5 livros), Profetas Menores I (6 livros), Profetas Menores II (6 livros), Os Evangelhos e Atos (5 livros), Cartas Paulinas I (5 livros), Cartas Paulinas II (4 livros), Cartas Paulinas III (4 livros), Cartas e Apocalipse (9 livros).

Todo o projeto foi construído a partir da reflexão conceitual em camadas de profundidade, conforme demonstra a imagem abaixo.



5.1 CAPA

O projeto conta com dois módulos de capa, a grande capa – capa principal, lombada e quarta capa – e as capas de cada um dos fascículos presentes no volume.

A grande capa conta com uma composição em que a tipografia ocupa uma função mais pictórica, contendo o nome do grupo de livros do volume e sua abreviatura em destaque, ornamentado pelos elementos explanados no próximo tópico. Sua quarta capa contém um pequeno texto especificando quais os livros que estão presentes em cada volume e do que eles tratam de forma geral.

Dentro do volume, cada livro terá sua própria capa, composta apenas pela abreviatura do nome do livro ornamentado por outros elementos, também explicados a seguir.

5.2 ELEMENTOS GRÁFICOS

Os elementos gráficos presentes no projeto foram baseados nas iluminuras das bíblias caligráficas dos séc I ao XV assim como nas próprias histórias bíblicas.

As capitulares foram trabalhadas a partir da fonte Garamond. A fonte foi levemente afinada e ornamentada com uma iluminura que busca passar suavidade, leveza e movimento. Para contribuir com essa finalidade, também foi implementada uma leve depressão no desenho da fonte, como demonstrado a seguir.

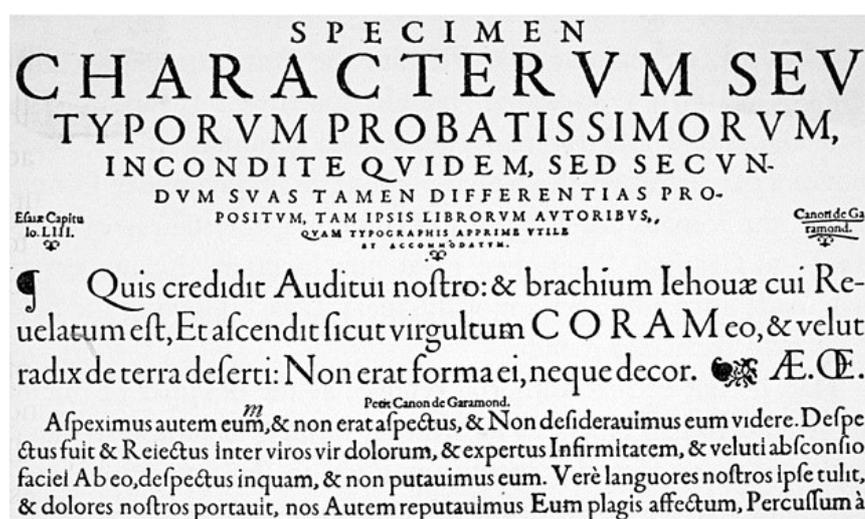
Os ornamentos são construídos a partir de vários diferentes tipos de folhagens de trigo e vinhedos – entre outros – mencionados nos textos bíblicos. Por meio deles, buscamos movimentos mais subjetivos, além de construir uma atmosfera de encantamento, que esteja sincronizada com as camadas conceituais da imagem acima.

5.3 TIPOGRAFIA

A Garamond – e suas variações–, é uma fonte de personalidade flexível, que acolhe com suavidade diversos tipos de conteúdo do texto. Foi criada por

Claude Garamond, um editor francês do final do século XV – século da impressão da primeira Bíblia de Gutenberg – e início do século XVI.

Essa fonte foi escolhida por uma série de motivos. Entre eles, suas elegantes serifas, formas leves e características orgânicas. Podemos citar como exemplo a anatomia do “P” caixa alta, levemente aberto, e o “a” caixa baixa, que forma uma espécie de gota em sua terminação. O “espaço interno” na letra “e” é formado por uma curva interna suave. Uma fonte de beleza nos detalhes.

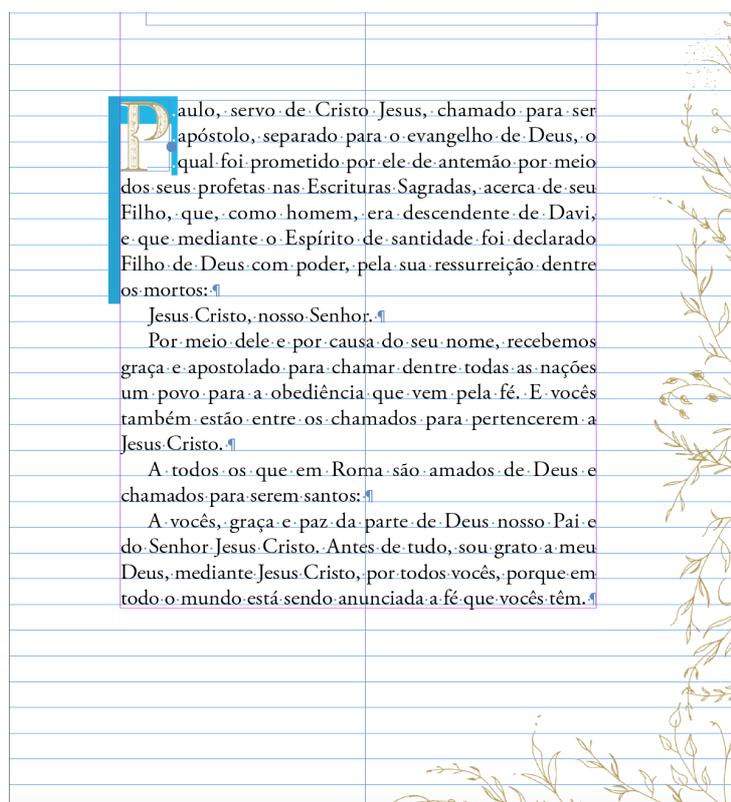


Por conta de suas características, é uma excelente opção para projetos com texto corrido, por permitir uma leitura exequível e natural do texto, assim como uma satisfatória economia de espaço, característica preciosa para um projeto com tantos volumes previstos.

Utilizando o método ensinado no site Estereográfica, foi decidido que para este projeto, a fonte deverá ser utilizada com corpo tamanho 11pt e entrelinha de 120%. Como a Garamond possui uma altura x relativamente pequena e ascendentes longas, uma entrelinha mais justa garante uma relação mais harmônica entre os espaços, conduzindo assim uma leitura mais fluida e agradável.

5.4 MARGENS E GRID

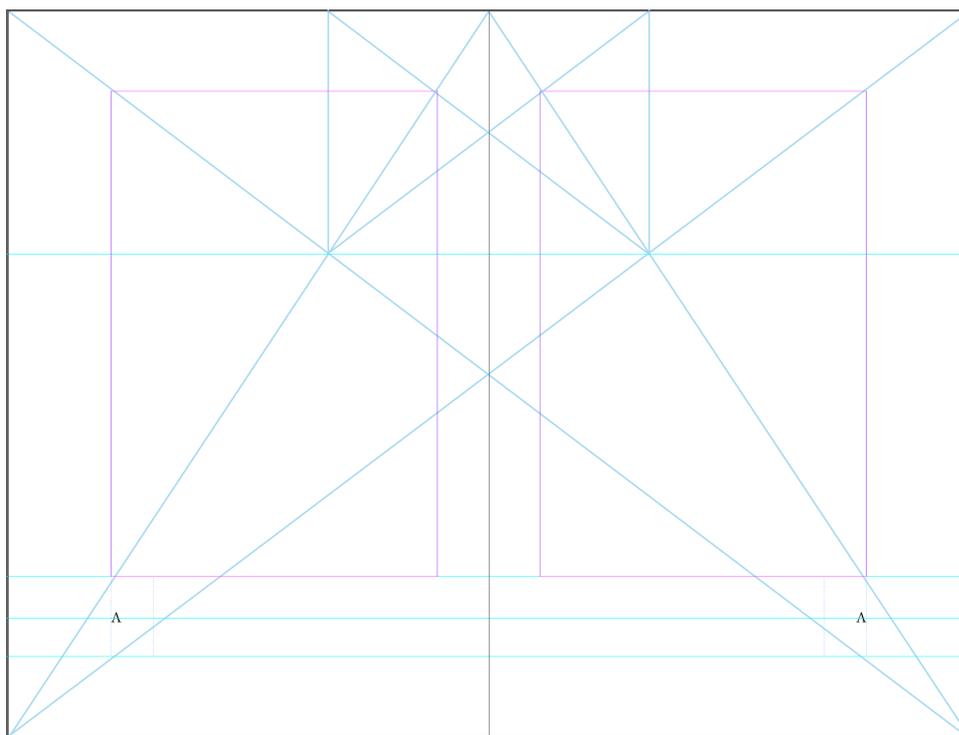
Para a configuração do grid e margens desse projeto, primeiramente foi definida a linha base a partir do corpo e entrelinha escolhidos para o texto corrido. Essa linha deve ser seguida para garantir que o texto frontal esteja sempre alinhado com o do verso e assim não existam sombras que possam interferir na leitura.



Para a construção do grid foi utilizado o método The Van De Graaf Canon e depois ajustado à linha base para o texto corrido e as margens internas para o acabamento escolhido.

As margens possuem 23mm na parte superior, 41mm na parte inferior, 20mm na parte interna e 26mm na parte externa. Esse padrão escolhido seguiu permitir mais espaço em branco na folha proporcionando maior conforto da leitura, agilidade ergonômica e ainda a possibilidade de um espaço maior para anotações com relação ao texto, prática comum entre os cristãos.

A página foi dividida em três a partir da interseção conseguida pelo método Van De Graaf. Na página de entrada de cada livro, esse primeiro $\frac{1}{3}$ da folha será utilizado para o título do livro e o texto corrido deverá ser iniciado no 2º $\frac{1}{3}$ da folha. O *Running Header* se encontrará alinhado ao texto base a direita, centralizado na margem superior. A numeração seguirá essa mesma regra, porém na margem inferior da página.



5.5 COR

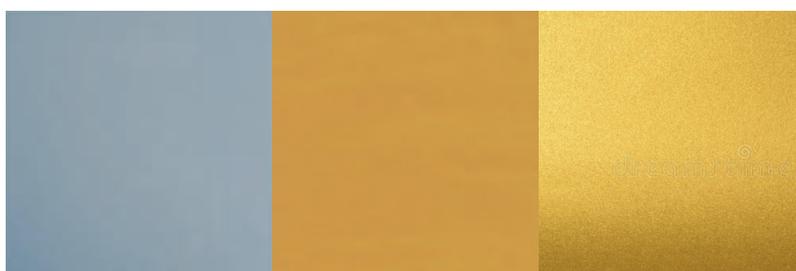
As cores escolhidas para esse projetos foram o Azul Acinzentado, o Ocre e o Dourado. Essas cores estarão presentes em todos os volumes. O que deve ser usado para diferenciar cada volume são as ilustrações, não as cores do projeto.

O Azul Acinzentado foi escolhido para a capa e pequenos detalhes nas ilustrações internas. Essa escolha se deve à serenidade e suavidade que a cor tem potencial para transmitir. A sutileza dessa cor faz com que a composição

consiga permanecer “aconchegante” mesmo quando combinada com cores mais marcantes como o dourado e o ocre.

O Ocre, assim como outras variações de tons terrosos, é uma cor extremamente acolhedora. Esse pigmento que varia entre tons de amarelo dourado e marrom-amarelado também é um dos mais antigos já utilizados. Foi escolhido pela sensação afável de acolhida e intimidade que ele transmite.

O Dourado deve estar presente principalmente na capa, como *hot stamp* nas ilustrações. Essa cor foi escolhida por estar associada a sabedoria e compreensão, assim como iluminação e ideias mais elevadas remetendo assim à importância presente nas palavras contidas nesses volumes.



5.6 FORMATO E ACABAMENTO

O formato dos livros do projeto foi pensado para um manejo mais prático dos volumes. Assim, foi escolhido o tamanho 131,3x200mm.

Como cada volume contará com 200 páginas no mínimo, o acabamento em costura foi escolhido como o mais adequado e também mais apropriado a personalidade do projeto. O papel deverá ser o pólen soft gramatura 70g/m², para oferecer um maior conforto de leitura.

A capa em couro sintético emborrachado com elementos em *hot stamp* dourado, tanto na capa quanto na quarta-capa e na lombada. Miolo, guarda e folha de guarda em 4x4.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do exame do contexto religioso e do surgimento da tecnologia da imprensa, assim como do estudo da diagramação e do desenvolvimento da experiência de leitura, foi possível desenvolver um projeto gráfico e editorial que se adequa melhor ao fim resgatado dos livros bíblicos: a leitura diária individual do crente.

O desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso possibilitou a análise de como o processo de um projeto gráfico pode contribuir para construir uma experiência de leitura tanto do ponto de vista técnico quanto do estético. Além disso, o desafio de projetar para textos longos foi importante para articular a permanência do leitor sem descuidar do trabalho de construção de atmosfera.

Possibilitou também um maior contato e experiência da autora do trabalho com a área de design editorial onde trabalha e busca se aprimorar.

Como resultado final foi possível identificar os elementos necessários para a elaboração de um projeto gráfico e um projeto editorial para a construção de um conjunto de livros da Bíblia, que agora são a base para possibilitar que eventualmente seja projetado o conteúdo por completo.

Por meio do processo de pesquisa, foi possível imergir no contexto histórico e religioso do surgimento da tecnologia da imprensa, além de examinar aspectos importantes da religião. Assim, foi possível elaborar um projeto completo – elegante e envolvente – adequado a leituras fora do contexto litúrgico para o qual era convergente tradicionalmente.

BIBLIOGRAFIA

FAWCETT-TANG, Roger. O livro e o Designer I: embalagem, navegação, estrutura e especificação. São Paulo: Rosari, 2007.

HASLAM, Andrew. O livro e o designer II: como criar e produzir livros. São Paulo: Rosari, 2007.

HENDEL, Richard. O design do livro. São Paulo: ateliê editorial, 2003.

SAMARA, Timothy. Guia de design editorial. São Paulo: Bookman, 2011.

UNGER, Gerard. Enquanto você lê. Brasília: Estereográfica, 2016.

BRINGHURST, Robert. Elementos do estilo tipográfico. 3ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2011

HIGHSMITH, Cyrus. Entre Parágrafos: Fundamentos tipográficos. Brasília: Estereográfica, 2017.

GAUDÊNCIO JUNIOR, Norberto. A Herança Escultórica da tipografia. São Paulo: Edições Rosari, 2004.

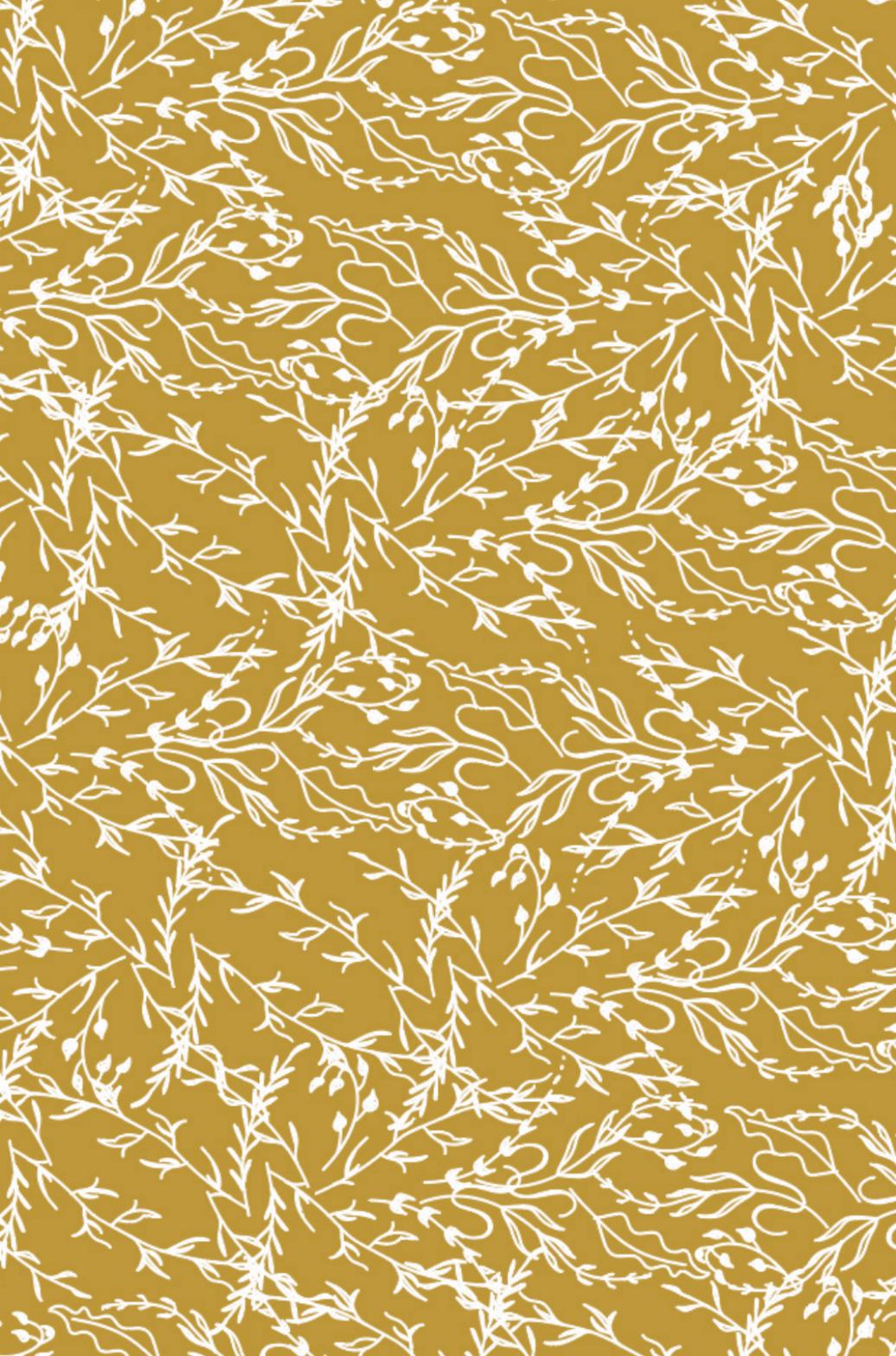
WARDE, Beatrice. The Crystal Goblet: Sixteen essays on typography. Cleveland e Nova York: World Publishing, 1956.

R. LIGHTFOOT, Neil. How we got the Bible. Grand Rapids: Baker Books, 2003.

F. BRUCE, F.; I. PACKER, J.; COMFORT, Philip; F. H. HENRY, Carl. The origin of the Bible. Tyndale House Publishers, 2003

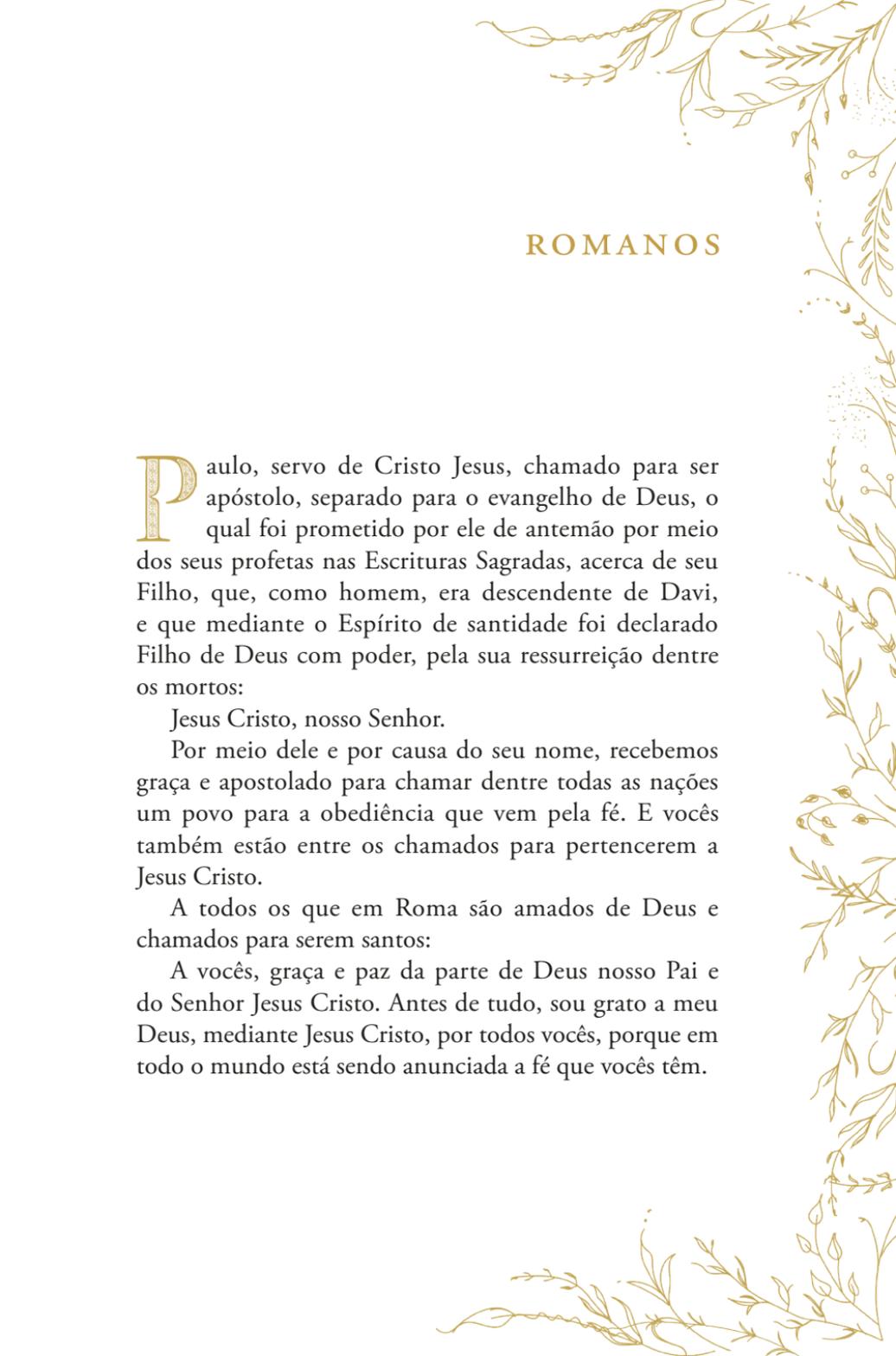
HEITLINGER, Paulo. Cadernos de Tipografia e Design Nr. 21 / Outubro de 2011





Este conjunto de livros é resultado do projeto de conclusão de curso da aluna Barbara Lima Vasconcelos do curso de Design Gráfico da Universidade de Brasília.





ROMANOS

Paulo, servo de Cristo Jesus, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus, o qual foi prometido por ele de antemão por meio dos seus profetas nas Escrituras Sagradas, acerca de seu Filho, que, como homem, era descendente de Davi, e que mediante o Espírito de santidade foi declarado Filho de Deus com poder, pela sua ressurreição dentre os mortos:

Jesus Cristo, nosso Senhor.

Por meio dele e por causa do seu nome, recebemos graça e apostolado para chamar dentre todas as nações um povo para a obediência que vem pela fé. E vocês também estão entre os chamados para pertencerem a Jesus Cristo.

A todos os que em Roma são amados de Deus e chamados para serem santos:

A vocês, graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo. Antes de tudo, sou grato a meu Deus, mediante Jesus Cristo, por todos vocês, porque em todo o mundo está sendo anunciada a fé que vocês têm.

Deus, a quem sirvo de todo o coração pregando o evangelho de seu Filho, é minha testemunha de como sempre me lembro de vocês em minhas orações; e peço que agora, finalmente, pela vontade de Deus, seja-me aberto o caminho para que eu possa visitá-los.

Anseio vê-los, a fim de compartilhar com vocês algum dom espiritual, para fortalecê-los, isto é, para que eu e vocês sejamos mutuamente encorajados pela fé.

Quero que vocês saibam, irmãos, que muitas vezes planejei visitá-los, mas fui impedido até agora. Meu propósito é colher algum fruto entre vocês, assim como tenho colhido entre os demais gentios. Sou devedor tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes.

Por isso estou disposto a pregar o evangelho também a vocês que estão em Roma.

Não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê: primeiro do judeu, depois do grego. Porque no evangelho é revelada a justiça de Deus, uma justiça que do princípio ao fim é pela fé, como está escrito:

“O justo viverá pela fé”.

Portanto, a ira de Deus é revelada dos céus contra toda impiedade e injustiça dos homens que suprimem a verdade pela injustiça, pois o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou.

Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua natureza divina,



têm sido vistos claramente, sendo compreendidos por meio das coisas criadas, de forma que tais homens são indesculpáveis; porque, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe renderam graças, mas os seus pensamentos tornaram-se fúteis e o coração insensato deles obscureceu-se.

Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos e trocaram a glória do Deus imortal por imagens feitas segundo a semelhança do homem mortal, bem como de pássaros, quadrúpedes e répteis.

Por isso Deus os entregou à impureza sexual, segundo os desejos pecaminosos do seu coração, para a degradação do seu corpo entre si. Trocaram a verdade de Deus pela mentira, e adoraram e serviram a coisas e seres criados, em lugar do Criador, que é bendito para sempre.

Amém.

Por causa disso Deus os entregou a paixões vergonhosas. Até suas mulheres trocaram suas relações sexuais naturais por outras, contrárias à natureza.

Da mesma forma, os homens também abandonaram as relações naturais com as mulheres e se inflamaram de paixão uns pelos outros. Começaram a cometer atos indecentes, homens com homens, e receberam em si mesmos o castigo merecido pela sua perversão.

Além do mais, visto que desprezaram o conhecimento de Deus, ele os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem o que não deviam. Tornaram-se cheios de toda sorte de injustiça, maldade, ganância e depravação. Estão cheios de inveja, homicídio,



rivalidades, engano e malícia. São bisbilhoteiros, caluniadores, inimigos de Deus, insolentes, arrogantes e presunçosos; inventam maneiras de praticar o mal; desobedecem a seus pais; são insensatos, desleais, sem amor pela família, implacáveis.

Embora conheçam o justo decreto de Deus, de que as pessoas que praticam tais coisas merecem a morte, não somente continuam a praticá-las, mas também aprovam aqueles que as praticam.

Portanto, você, que julga os outros é indesculpável; pois está condenando a si mesmo naquilo em que julga, visto que você, que julga, pratica as mesmas coisas. Sabemos que o juízo de Deus contra os que praticam tais coisas é conforme a verdade.

Assim, quando você, um simples homem, os julga, mas pratica as mesmas coisas, pensa que escapará do juízo de Deus? Ou será que você despreza as riquezas da sua bondade, tolerância e paciência, não reconhecendo que a bondade de Deus o leva ao arrependimento?

Contudo, por causa da sua teimosia e do seu coração obstinado, você está acumulando ira contra si mesmo, para o dia da ira de Deus, quando se revelará o seu justo julgamento. Deus “retribuirá a cada um conforme o seu procedimento”.

Ele dará vida eterna aos que, persistindo em fazer o bem, buscam glória, honra e imortalidade. Mas haverá ira e indignação para os que são egoístas, que rejeitam a verdade e seguem a injustiça.



Haverá tribulação e angústia para todo ser humano que pratica o mal: primeiro para o judeu, depois para o grego; mas glória, honra e paz para todo o que pratica o bem: primeiro para o judeu, depois para o grego.

Pois em Deus não há parcialidade. Todo aquele que pecar sem a Lei, sem a Lei também perecerá, e todo aquele que pecar sob a Lei, pela Lei será julgado. Porque não são os que ouvem a Lei que são justos aos olhos de Deus; mas os que obedecem à Lei, estes serão declarados justos. (De fato, quando os gentios, que não têm a Lei, praticam naturalmente o que ela ordena, tornam-se lei para si mesmos, embora não possuam a Lei; pois mostram que as exigências da Lei estão gravadas em seu coração. Disso dão testemunho também a sua consciência e os pensamentos deles, ora acusando-os, ora defendendo-os.)

Isso tudo se verá no dia em que Deus julgar os segredos dos homens, mediante Jesus Cristo, conforme o declara o meu evangelho. Ora, você leva o nome de judeu, apóia-se na Lei e orgulha-se de Deus.

Você conhece a vontade de Deus e aprova o que é superior, porque é instruído pela Lei. Você está convencido de que é guia de cegos, luz para os que estão em trevas, instrutor de insensatos, mestre de crianças, porque tem na Lei a expressão do conhecimento e da verdade.

E então? Você, que ensina os outros, não ensina a si mesmo? Você, que prega contra o furto, furta? Você, que diz que não se deve adulterar, adultera? Você, que detesta ídolos, rouba-lhes os templos? Você, que se orgulha da



Lei, desonra a Deus, desobedecendo à Lei? Pois, como está escrito: “O nome de Deus é blasfemado entre os gentios por causa de vocês”.

A circuncisão tem valor se você obedece à Lei; mas, se você desobedece à Lei, a sua circuncisão já se tornou incircuncisão. Se aqueles que não são circuncidados obedecem aos preceitos da Lei, não serão eles considerados circuncidados? Aquele que não é circuncidado fisicamente, mas obedece à Lei, condenará você que, tendo a Lei escrita e a circuncisão, é transgressor da Lei.

Não é judeu quem o é apenas exteriormente, nem é circuncisão a que é meramente exterior e física. Não! Judeu é quem o é interiormente, e circuncisão é a operada no coração, pelo Espírito, e não pela Lei escrita. Para estes o louvor não provém dos homens, mas de Deus.

Que vantagem há então em ser judeu, ou que utilidade há na circuncisão?

Muita, em todos os sentidos! Principalmente porque aos judeus foram confiadas as palavras de Deus.

Que importa se alguns deles foram infiéis? A sua infidelidade anulará a fidelidade de Deus?

De maneira nenhuma! Seja Deus verdadeiro, e todo homem mentiroso. Como está escrito: “Para que sejas justificado nas tuas palavras e prevaleças”. Mas, se a nossa injustiça ressalta de maneira ainda mais clara a justiça de Deus, que diremos? Que Deus é injusto por aplicar a sua ira? (Estou usando um argumento humano.) Claro que não! Se fosse assim, como Deus iria julgar o mundo?



Alguém pode alegar ainda: “Se a minha mentira ressalta a veracidade de Deus, aumentando assim a sua glória, por que sou condenado como pecador?” Por que não dizer como alguns caluniosamente afirmam que dizemos: “Façamos o mal, para que nos venha o bem?” A condenação dos tais é merecida.

Que concluiremos então? Estamos em posição de vantagem? Não! Já demonstramos que tanto judeus quanto gentios estão debaixo do pecado. Como está escrito: “Não há nenhum justo, nem um sequer; não há ninguém que entenda, ninguém que busque a Deus. Todos se desviaram, tornaram-se juntamente inúteis; não há ninguém que faça o bem, não há nem um sequer”. “Suas gargantas são um túmulo aberto; com suas línguas enganam”. “Veneno de serpentes está em seus lábios”. “Suas bocas estão cheias de maldição e amargura”. “Seus pés são ágeis para derramar sangue; ruína e desgraça marcam os seus caminhos, e não conhecem o caminho da paz”. “Aos seus olhos é inútil temer a Deus”.

Sabemos que tudo o que a Lei diz, o diz àqueles que estão debaixo dela, para que toda boca se cale e todo o mundo esteja sob o juízo de Deus. Portanto, ninguém será declarado justo diante dele baseando-se na obediência à Lei, pois é mediante a Lei que nos tornamos plenamente conscientes do pecado.

Mas agora se manifestou uma justiça que provém de Deus, independente da Lei, da qual testemunham a Lei e os Profetas, justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo para todos os que crêem. Não há distinção, pois



todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente por sua graça, por meio da redenção que há em Cristo Jesus. Deus o ofereceu como sacrifício para propiciação mediante a fé, pelo seu sangue, demonstrando a sua justiça. Em sua tolerância, havia deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; mas, no presente, demonstrou a sua justiça, a fim de ser justo e justificador daquele que tem fé em Jesus.

Onde está, então, o motivo de vanglória? É excluído. Baseado em que princípio? No da obediência à Lei? Não, mas no princípio da fé.

Pois sustentamos que o homem é justificado pela fé, independente da obediência à Lei.

Deus é Deus apenas dos judeus? Ele não é também o Deus dos gentios? Sim, dos gentios também, visto que existe um só Deus, que pela fé justificará os circuncisos e os incircuncisos.

Anulamos então a Lei pela fé? De maneira nenhuma! Ao contrário, confirmamos a Lei.

Portanto, que diremos do nosso antepassado Abraão? Se de fato Abraão foi justificado pelas obras, ele tem do que se gloriar, mas não diante de Deus. Que diz a Escritura? “Abraão creu em Deus, e isso lhe foi creditado como justiça”. Ora, o salário do homem que trabalha não é considerado como favor, mas como dívida.

Todavia, àquele que não trabalha, mas confia em Deus, que justifica o ímpio, sua fé lhe é creditada como justiça. Davi diz a mesma coisa, quando fala da felicidade do homem a quem Deus credita justiça independente de



obras: “Como são felizes aqueles que têm suas transgressões perdoadas, cujos pecados são apagados! Como é feliz aquele a quem o Senhor não atribui culpa!” Destina-se esta felicidade apenas aos circuncisos ou também aos incircuncisos? Já dissemos que, no caso de Abraão, a fé lhe foi creditada como justiça.

Sob quais circunstâncias? Antes ou depois de ter sido circuncidado? Não foi depois, mas antes!

Assim ele recebeu a circuncisão como sinal, como selo da justiça que ele tinha pela fé, quando ainda não fora circuncidado. Portanto, ele é o pai de todos os que crêem, sem terem sido circuncidados, a fim de que a justiça fosse creditada também a eles; e é igualmente o pai dos circuncisos que não somente são circuncisos, mas também andam nos passos da fé que teve nosso pai Abraão antes de passar pela circuncisão.

Não foi mediante a Lei que Abraão e a sua descendência receberam a promessa de que ele seria herdeiro do mundo, mas mediante a justiça que vem da fé.

Pois se os que vivem pela Lei são herdeiros, a fé não tem valor, e a promessa é inútil; porque a Lei produz a ira. E onde não há Lei, não há transgressão.

Portanto, a promessa vem pela fé, para que seja de acordo com a graça e seja assim garantida a toda a descendência de Abraão; não apenas aos que estão sob o regime da Lei, mas também aos que têm a fé que Abraão teve. Ele é o pai de todos nós.

Como está escrito: “Eu o constituí pai de muitas nações”. Ele é nosso pai aos olhos de Deus, em quem



creu, o Deus que dá vida aos mortos e chama à existência coisas que não existem, como se existissem.

Abraão, contra toda esperança, em esperança creu, tornando-se assim pai de muitas nações, como foi dito a seu respeito: “Assim será a sua descendência”.

Sem se enfraquecer na fé, reconheceu que o seu corpo já estava sem vitalidade, pois já contava cerca de cem anos de idade, e que também o ventre de Sara já estava sem vigor. Mesmo assim não duvidou nem foi incrédulo em relação à promessa de Deus, mas foi fortalecido em sua fé e deu glória a Deus, estando plenamente convencido de que ele era poderoso para cumprir o que havia prometido.

Em conseqüência, “isso lhe foi creditado como justiça”. As palavras “lhe foi creditado” não foram escritas apenas para ele, mas também para nós, a quem Deus creditará justiça, a nós, que cremos naquele que ressuscitou dos mortos a Jesus, nosso Senhor. Ele foi entregue à morte por nossos pecados e ressuscitado para nossa justificação. Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo, por meio de quem obtivemos acesso pela fé a esta graça na qual agora estamos firmes; e nos gloriamos na esperança da glória de Deus.

Não só isso, mas também nos gloriamos nas tribulações, porque sabemos que a tribulação produz perseverança; a perseverança, um caráter aprovado; e o caráter aprovado, esperança. E a esperança não nos decepciona, porque Deus derramou seu amor em nossos



corações, por meio do Espírito Santo que ele nos concedeu. De fato, no devido tempo, quando ainda éramos fracos, Cristo morreu pelos ímpios.

Difícilmente haverá alguém que morra por um justo, embora pelo homem bom talvez alguém tenha coragem de morrer. Mas Deus demonstra seu amor por nós: Cristo morreu em nosso favor quando ainda éramos pecadores.

Como agora fomos justificados por seu sangue, muito mais ainda, por meio dele, seremos salvos da ira de Deus! Se quando éramos inimigos de Deus fomos reconciliados com ele mediante a morte de seu Filho, quanto mais agora, tendo sido reconciliados, seremos salvos por sua vida! Não apenas isso, mas também nos gloriamos em Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo, mediante quem recebemos agora a reconciliação.

Portanto, da mesma forma como o pecado entrou no mundo por um homem, e pelo pecado a morte, assim também a morte veio a todos os homens, porque todos pecaram; pois antes de ser dada a Lei, o pecado já estava no mundo. Mas o pecado não é levado em conta quando não existe lei.

Todavia, a morte reinou desde o tempo de Adão até o de Moisés, mesmo sobre aqueles que não cometeram pecado semelhante à transgressão de Adão, o qual era um tipo daquele que haveria de vir.

Entretanto, não há comparação entre a dádiva e a transgressão. Pois se muitos morreram por causa da transgressão de um só, muito mais a graça de Deus, isto



é, a dádiva pela graça de um só homem, Jesus Cristo, transbordou para muitos! Não se pode comparar a dádiva de Deus com a conseqüência do pecado de um só homem: por um pecado veio o julgamento que trouxe condenação, mas a dádiva decorreu de muitas transgressões e trouxe justificação.

Se pela transgressão de um só a morte reinou por meio dele, muito mais aqueles que recebem de Deus a imensa provisão da graça e a dádiva da justiça reinarão em vida por meio de um único homem, Jesus Cristo. Conseqüentemente, assim como uma só transgressão resultou na condenação de todos os homens, assim também um só ato de justiça resultou na justificação que traz vida a todos os homens.

Logo, assim como por meio da desobediência de um só homem muitos foram feitos pecadores, assim também, por meio da obediência de um único homem muitos serão feitos justos.

A Lei foi introduzida para que a transgressão fosse ressaltada. Mas onde aumentou o pecado, transbordou a graça, a fim de que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reine pela justiça para conceder vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor.

Que diremos então? Continuaremos pecando para que a graça aumente? De maneira nenhuma! Nós, os que morremos para o pecado, como podemos continuar vivendo nele? Ou vocês não sabem que todos nós, que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados em sua morte?



ORA,
SE MORREMOS
COM CRISTO,
CREMOS QUE
TAMBEM COM ELE
VIVEREMOS.

Portanto, fomos sepultados com ele na morte por meio do batismo, a fim de que, assim como Cristo foi ressuscitado dos mortos mediante a glória do Pai, também nós vivamos uma vida nova. Se dessa forma fomos unidos a ele na semelhança da sua morte, certamente o seremos também na semelhança da sua ressurreição.

Pois sabemos que o nosso velho homem foi crucificado com ele, para que o corpo do pecado seja destruído, e não mais sejamos escravos do pecado; pois quem morreu, foi justificado do pecado.

Ora, se morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos.

Pois sabemos que, tendo sido ressuscitado dos mortos, Cristo não pode morrer outra vez: a morte não tem mais domínio sobre ele. Porque morrendo, ele morreu para o pecado uma vez por todas; mas vivendo, vive para Deus. Da mesma forma, considerem-se mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus.

Portanto, não permitam que o pecado continue dominando os seus corpos mortais, fazendo que vocês obedeçam aos seus desejos.

Não ofereçam os membros do corpo de vocês ao pecado, como instrumentos de injustiça; antes ofereçam-se a Deus como quem voltou da morte para a vida; e ofereçam os membros do corpo de vocês a ele, como instrumentos de justiça.

Pois o pecado não os dominará, porque vocês não estão debaixo da Lei, mas debaixo da graça.



E então? Vamos pecar porque não estamos debaixo da Lei, mas debaixo da graça? De maneira nenhuma! Não sabem que, quando vocês se oferecem a alguém para lhe obedecer como escravos, tornam-se escravos daquele a quem obedecem: escravos do pecado que leva à morte, ou da obediência que leva à justiça?

Mas, graças a Deus, porque, embora vocês tenham sido escravos do pecado, passaram a obedecer de coração à forma de ensino que lhes foi transmitida.

Vocês foram libertados do pecado e tornaram-se escravos da justiça.

Falo isso em termos humanos, por causa das suas limitações humanas. Assim como vocês ofereceram os membros do seu corpo em escravidão à impureza e à maldade que leva à maldade, ofereçam-nos agora em escravidão à justiça que leva à santidade. Quando vocês eram escravos do pecado, estavam livres da justiça.

Que fruto colheram então das coisas das quais agora vocês se envergonham? O fim delas é a morte!

Mas agora que vocês foram libertados do pecado e se tornaram escravos de Deus, o fruto que colhem leva à santidade, e o seu fim é a vida eterna. Pois o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor.

Meus irmãos, falo a vocês como a pessoas que conhecem a lei. Acaso vocês não sabem que a lei tem autoridade sobre alguém apenas enquanto ele vive? Por exemplo, pela lei a mulher casada está ligada a seu marido enquanto ele estiver vivo; mas, se o marido



morrer, ela estará livre da lei do casamento. Por isso, se ela se casar com outro homem enquanto seu marido ainda estiver vivo, será considerada adúltera. Mas se o marido morrer, ela estará livre daquela lei, e mesmo que venha a se casar com outro homem, não será adúltera. Assim, meus irmãos, vocês também morreram para a Lei, por meio do corpo de Cristo, para pertencerem a outro, àquele que ressuscitou dos mortos, a fim de que venhamos a dar fruto para Deus.

Pois quando éramos controlados pela carne, as paixões pecaminosas despertadas pela Lei atuavam em nosso corpo, de forma que dávamos fruto para a morte. Mas agora, morrendo para aquilo que antes nos prendia, fomos libertados da Lei, para que sirvamos conforme o novo modo do Espírito, e não segundo a velha forma da Lei escrita.

Que diremos então? A Lei é pecado? De maneira nenhuma! De fato, eu não saberia o que é pecado, a não ser por meio da Lei. Pois, na realidade, eu não saberia o que é cobiça, se a Lei não dissesse: “Não cobiçarás”. Mas o pecado, aproveitando a oportunidade dada pelo mandamento, produziu em mim todo tipo de desejo cobiçoso. Pois, sem a Lei, o pecado está morto. Antes eu vivia sem a Lei, mas quando o mandamento veio, o pecado reviveu, e eu morri.

Descobri que o próprio mandamento, destinado a produzir vida, na verdade produziu morte. Pois o pecado, aproveitando a oportunidade dada pelo mandamento, enganou-me e por meio do mandamento me matou. De

fato a Lei é santa, e o mandamento é santo, justo e bom. E então, o que é bom se tornou em morte para mim? De maneira nenhuma! Mas, para que o pecado se mostrasse como pecado, ele produziu morte em mim por meio do que era bom, de modo que por meio do mandamento ele se mostrasse extremamente pecaminoso.

Sabemos que a Lei é espiritual; eu, contudo, não o sou, pois fui vendido como escravo ao pecado.

Não entendo o que faço. Pois não faço o que desejo, mas o que odeio. E, se faço o que não desejo, admito que a Lei é boa.

Neste caso, não sou mais eu quem o faz, mas o pecado que habita em mim. Sei que nada de bom habita em mim, isto é, em minha carne. Porque tenho o desejo de fazer o que é bom, mas não consigo realizá-lo. Pois o que faço não é o bem que desejo, mas o mal que não quero fazer, esse eu continuo fazendo. Ora, se faço o que não quero, já não sou eu quem o faz, mas o pecado que habita em mim.

Assim, encontro esta lei que atua em mim: Quando quero fazer o bem, o mal está junto a mim. No íntimo do meu ser tenho prazer na Lei de Deus; mas vejo outra lei atuando nos membros do meu corpo, guerreando contra a lei da minha mente, tornando-me prisioneiro da lei do pecado que atua em meus membros.

Miserável homem que eu sou! Quem me libertará do corpo sujeito a esta morte? Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor! De modo que, com a mente, eu próprio sou escravo da Lei de Deus; mas, com a carne, da lei do pecado.

Portanto, agora já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus, porque por meio de Cristo Jesus a lei do Espírito de vida me libertou da lei do pecado e da morte. Porque, aquilo que a Lei fora incapaz de fazer por estar enfraquecida pela carne, Deus o fez, enviando seu próprio Filho, à semelhança do homem pecador, como oferta pelo pecado. E assim condenou o pecado na carne, a fim de que as justas exigências da Lei fossem plenamente satisfeitas em nós, que não vivemos segundo a carne, mas segundo o Espírito.

Quem vive segundo a carne tem a mente voltada para o que a carne deseja; mas quem vive de acordo com o Espírito, tem a mente voltada para o que o Espírito deseja. A mentalidade da carne é morte, mas a mentalidade do Espírito é vida e paz; a mentalidade da carne é inimiga de Deus porque não se submete à Lei de Deus, nem pode fazê-lo.

Quem é dominado pela carne não pode agradar a Deus. Entretanto, vocês não estão sob o domínio da carne, mas do Espírito, se de fato o Espírito de Deus habita em vocês. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, não pertence a Cristo. Mas se Cristo está em vocês, o corpo está morto por causa do pecado, mas o espírito está vivo por causa da justiça.

E, se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vocês, aquele que ressuscitou a Cristo dentre os mortos também dará vida a seus corpos mortais, por meio do seu Espírito, que habita em vocês. Portanto, irmãos, estamos em dívida, não para com a



carne, para vivermos sujeitos a ela. Pois se vocês viverem de acordo com a carne, morrerão; mas, se pelo Espírito fizerem morrer os atos do corpo, viverão, porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus.

Pois vocês não receberam um espírito que os escravize para novamente temerem, mas receberam o Espírito que os adota como filhos, por meio do qual clamamos: “Aba, Pai”.

O próprio Espírito testemunha ao nosso espírito que somos filhos de Deus. Se somos filhos, então somos herdeiros; herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo, se de fato participamos dos seus sofrimentos, para que também participemos da sua glória.

Considero que os nossos sofrimentos atuais não podem ser comparados com a glória que em nós será revelada. A natureza criada aguarda, com grande expectativa, que os filhos de Deus sejam revelados. Pois ela foi submetida à inutilidade, não pela sua própria escolha, mas por causa da vontade daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria natureza criada será libertada da escravidão da decadência em que se encontra, recebendo a gloriosa liberdade dos filhos de Deus.

Sabemos que toda a natureza criada geme até agora, como em dores de parto. E não só isso, mas nós mesmos, que temos os primeiros frutos do Espírito, gememos interiormente, esperando ansiosamente nossa adoção como filhos, a redenção do nosso corpo. Pois nessa esperança fomos salvos. Mas, esperança que se vê não é esperança. Quem espera por aquilo que está vendo? Mas se esperamos o que ainda não vemos, aguardamo-lo pacientemente.



Da mesma forma o Espírito nos ajuda em nossa fraqueza, pois não sabemos como orar, mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis. E aquele que sonda os corações conhece a intenção do Espírito, porque o Espírito intercede pelos santos de acordo com a vontade de Deus.

Sabemos que Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam, dos que foram chamados de acordo com o seu propósito. Pois aqueles que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos.

E aos que predestinou, também chamou; aos que chamou, também justificou; aos que justificou, também glorificou.

Que diremos, pois, diante dessas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós, como não nos dará juntamente com ele, e de graça, todas as coisas? Quem fará alguma acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica.

Quem os condenará? Foi Cristo Jesus que morreu; e mais, que ressuscitou e está à direita de Deus, e também intercede por nós. Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada?

Como está escrito: “Por amor de ti enfrentamos a morte todos os dias; somos considerados como ovelhas destinadas ao matadouro”. Mas, em todas estas coisas



somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou. Pois estou convencido de que nem morte nem vida, nem anjos nem demônios, nem o presente nem o futuro, nem quaisquer poderes, nem altura nem profundidade, nem qualquer outra coisa na criação será capaz de nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor.

Digo a verdade em Cristo, não minto; minha consciência o confirma no Espírito Santo: tenho grande tristeza e constante angústia em meu coração.

Pois eu até desejaria ser amaldiçoado e separado de Cristo por amor de meus irmãos, os de minha raça, o povo de Israel. Deles é a adoção de filhos; deles é a glória divina, as alianças, a concessão da Lei, a adoração no templo e as promessas.

Deles são os patriarcas, e a partir deles se traça a linhagem humana de Cristo, que é Deus acima de todos, bendito para sempre! Amém.

Não pensemos que a palavra de Deus falhou. Pois nem todos os descendentes de Israel são Israel. Nem por serem descendentes de Abraão passaram todos a ser filhos de Abraão. Ao contrário: “Por meio de Isaque a sua descendência será considerada”.

Noutras palavras, não são os filhos naturais que são filhos de Deus, mas os filhos da promessa é que são considerados descendência de Abraão. Pois foi assim que a promessa foi feita: “No tempo devido virei novamente, e Sara terá um filho”. E esse não foi o único caso; também os filhos de Rebeca tiveram um mesmo pai, nosso pai Isaque.



Todavia, antes que os gêmeos nascessem ou fizessem qualquer coisa boa ou má - a fim de que o propósito de Deus conforme a eleição permanecesse, não por obras, mas por aquele que chama - foi dito a ela: “O mais velho servirá ao mais novo”.

Como está escrito: “Amei Jacó, mas rejeitei Esaú”. E então, que diremos? Acaso Deus é injusto? De maneira nenhuma! Pois ele diz a Moisés: “Terei misericórdia de quem eu quiser ter misericórdia e terei compaixão de quem eu quiser ter compaixão”.

Portanto, isso não depende do desejo ou do esforço humano, mas da misericórdia de Deus. Pois a Escritura diz ao faraó: “Eu o levantei exatamente com este propósito: mostrar em você o meu poder, e para que o meu nome seja proclamado em toda a terra”.

Portanto, Deus tem misericórdia de quem ele quer, e endurece a quem ele quer. Mas algum de vocês me dirá: “Então, por que Deus ainda nos culpa? Pois, quem resiste à sua vontade?” Mas quem é você, ó homem, para questionar a Deus? “Acaso aquilo que é formado pode dizer ao que o formou: ‘Por que me fizeste assim?’” O oleiro não tem direito de fazer do mesmo barro um vaso para fins nobres e outro para uso desonroso?

E se Deus, querendo mostrar a sua ira e tornar conhecido o seu poder, suportou com grande paciência os vasos de sua ira, preparados para a destruição? Que dizer, se ele fez isto para tornar conhecidas as riquezas de sua glória aos vasos de sua misericórdia, que



preparou de antemão para glória, ou seja, a nós, a quem também chamou, não apenas dentre os judeus, mas também dentre os gentios?

Como ele diz em Oséias: “Chamarei ‘meu povo’ a quem não é meu povo; e chamarei ‘minha amada’ a quem não é minha amada”, e: “Acontecerá que, no mesmo lugar em que se lhes declarou: ‘Vocês não são meu povo’, eles serão chamados ‘filhos do Deus vivo’“. Isaías exclama com relação a Israel: “Embora o número dos israelitas seja como a areia do mar, apenas o remanescente será salvo. Pois o Senhor executará na terra a sua sentença, rápida e definitivamente”.

Como anteriormente disse Isaías: “Se o Senhor dos Exércitos não nos tivesse deixado descendentes, já estaríamos como Sodoma, e semelhantes a Gomorra”.

Que diremos, então? Os gentios, que não buscavam justiça, a obtiveram, uma justiça que vem da fé; mas Israel, que buscava uma lei que trouxesse justiça, não a alcançou. Por que não? Porque não a buscava pela fé, mas como se fosse por obras. Eles tropeçaram na “pedra de tropeço”.

Como está escrito: “Eis que ponho em Sião uma pedra de tropeço e uma rocha que faz cair; e aquele que nela confia jamais será envergonhado”. Irmãos, o desejo do meu coração e a minha oração a Deus pelos israelitas é que eles sejam salvos.

Posso testemunhar que eles têm zelo por Deus, mas o seu zelo não se baseia no conhecimento. Porquanto, ignorando a justiça que vem de Deus e procurando







estabelecer a sua própria, não se submeteram à justiça de Deus. Porque o fim da Lei é Cristo, para a justificação de todo o que crê.

Moisés descreve desta forma a justiça que vem da Lei: “O homem que fizer estas coisas viverá por meio delas”. Mas a justiça que vem da fé diz: “Não diga em seu coração: ‘Quem subirá aos céus?’ (isto é, para fazer Cristo descer) ou ‘Quem descerá ao abismo?’” (isto é, para fazer Cristo subir dentre os mortos).

Mas o que ela diz? “A palavra está perto de você; está em sua boca e em seu coração”, isto é, a palavra da fé que estamos proclamando:

Se você confessar com a sua boca que Jesus é Senhor e crer em seu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, será salvo. Pois com o coração se crê para justiça, e com a boca se confessa para salvação.

Como diz a Escritura: “Todo o que nele confia jamais será envergonhado”.

Não há diferença entre judeus e gentios, pois o mesmo Senhor é Senhor de todos e abençoa ricamente todos os que o invocam, porque “todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo”.

Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram falar? E como ouvirão, se não houver quem pregue?

E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: “Como são belos os pés dos que anunciam boas novas!” No entanto, nem todos os israelitas aceitaram as boas novas. Pois Isaías diz: “Senhor, quem creu em nossa



mensagem?” Conseqüentemente, a fé vem por se ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo.

Mas eu pergunto: Eles não a ouviram? Claro que sim: “A sua voz ressoou por toda a terra, e as suas palavras, até os confins do mundo”.

Novamente pergunto: Será que Israel não entendeu? Em primeiro lugar, Moisés disse: “Farei que tenham ciúmes de quem não é meu povo; eu os provocarei à ira por meio de um povo sem entendimento”.

E Isaías diz ousadamente: “Fui achado por aqueles que não me procuravam; revelei-me àqueles que não perguntavam por mim”. Mas a respeito de Israel, ele diz: “O tempo todo estendi as mãos a um povo desobediente e rebelde”.

Pergunto, pois: Acaso Deus rejeitou o seu povo? De maneira nenhuma! Eu mesmo sou israelita, descendente de Abraão, da tribo de Benjamim. Deus não rejeitou o seu povo, o qual de antemão conheceu. Ou vocês não sabem como Elias clamou a Deus contra Israel, conforme diz a Escritura?

“Senhor, mataram os teus profetas e derrubaram os teus altares; sou o único que sobrou, e agora estão procurando matar-me”. E qual foi a resposta divina? “Reservei para mim sete mil homens que não dobraram os joelhos diante de Baal”. Assim, hoje também há um remanescente escolhido pela graça.

E, se é pela graça, já não é mais pelas obras; se fosse, a graça já não seria graça.



Que dizer então? Israel não conseguiu aquilo que tanto buscava, mas os eleitos o obtiveram. Os demais foram endurecidos, como está escrito: “Deus lhes deu um espírito de atordoamento, olhos para não ver e ouvidos para não ouvir, até o dia de hoje”. E Davi diz: “Que a mesa deles se transforme em laço e armadilha, pedra de tropeço e retribuição para eles. Escureçam-se os seus olhos, para que não consigam ver, e suas costas fiquem encurvadas para sempre”.

Novamente pergunto: Acaso tropeçaram para que ficassem caídos? De maneira nenhuma! Ao contrário, por causa da transgressão deles, veio salvação para os gentios, para provocar ciúme em Israel. Mas se a transgressão deles significa riqueza para o mundo, e o seu fracasso, riqueza para os gentios, quanto mais significará a sua plenitude!

Estou falando a vocês, gentios. Visto que sou apóstolo para os gentios, exalto o meu ministério, na esperança de que de alguma forma possa provocar ciúme em meu próprio povo e salvar alguns deles. Pois se a rejeição deles é a reconciliação do mundo, o que será a sua aceitação, senão vida dentre os mortos?

Se é santa a parte da massa que é oferecida como primeiros frutos, toda a massa também o é; se a raiz é santa, os ramos também o serão.

Se alguns ramos foram cortados, e você, sendo oliveira brava, foi enxertado entre os outros e agora participa da seiva que vem da raiz da oliveira cultivada, não se glorie contra esses ramos. Se o fizer, saiba que não é



você quem sustenta a raiz, mas a raiz a você. Então você dirá: “Os ramos foram cortados, para que eu fosse enxertado”. Está certo. Eles, porém, foram cortados devido à incredulidade, e você permanece pela fé. Não se orgulhe, mas tema. Pois, se Deus não poupou os ramos naturais, também não poupará você.

Portanto, considere a bondade e a severidade de Deus: severidade para com aqueles que caíram, mas bondade para com você, desde que permaneça na bondade dele. De outra forma, você também será cortado.

E quanto a eles, se não continuarem na incredulidade, serão enxertados, pois Deus é capaz de enxertá-los outra vez. Afinal de contas, se você foi cortado de uma oliveira brava por natureza e, de maneira antinatural, foi enxertado numa oliveira cultivada, quanto mais serão enxertados os ramos naturais em sua própria oliveira? Irmãos, não quero que ignorem este mistério, para que não se tornem presunçosos: Israel experimentou um endurecimento em parte, até que chegue a plenitude dos gentios. E assim todo o Israel será salvo, como está escrito: “Virá de Sião o redentor que desviará de Jacó a impiedade. E esta é a minha aliança com eles quando eu remover os seus pecados”.

Quanto ao evangelho, eles são inimigos por causa de vocês; mas quanto à eleição, são amados por causa dos patriarcas, pois os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis. Assim como vocês, que antes eram desobedientes a Deus mas agora receberam misericórdia,



graças à desobediência deles, assim também agora eles se tornaram desobedientes, a fim de que também recebam agora misericórdia, graças à misericórdia de Deus para com vocês. Pois Deus colocou todos sob a desobediência, para exercer misericórdia para com todos.

Ó profundidade da riqueza da sabedoria e do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e inescrutáveis os seus caminhos! “Quem conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro?” “Quem primeiro lhe deu, para que ele o recompense?” Pois dele, por ele e para ele são todas as coisas. A ele seja a glória para sempre! Amém.

Portanto, irmãos, rogo-lhes pelas misericórdias de Deus que se ofereçam em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o culto racional de vocês. Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

Por isso, pela graça que me foi dada digo a todos vocês: Ninguém tenha de si mesmo um conceito mais elevado do que deve ter; mas, ao contrário, tenha um conceito equilibrado, de acordo com a medida da fé que Deus lhe concedeu.

Assim como cada um de nós tem um corpo com muitos membros e esses membros não exercem todos a mesma função, assim também em Cristo nós, que somos muitos, formamos um corpo, e cada membro está ligado a todos os outros.

Temos diferentes dons, de acordo com a graça que nos foi dada. Se alguém tem o dom de profetizar, use-o na proporção da sua fé. Se o seu dom é servir, sirva; se é ensinar, ensine; se é dar ânimo, que assim faça; se é contribuir, que contribua generosamente; se é exercer liderança, que a exerça com zelo; se é mostrar misericórdia, que o faça com alegria.

O amor deve ser sincero. Odeiem o que é mau; apeguem-se ao que é bom. Dedicuem-se uns aos outros com amor fraternal. Prefiram dar honra aos outros mais do que a si próprios.

Nunca lhes falte o zelo, sejam fervorosos no espírito, sirvam ao Senhor. Alegrem-se na esperança, sejam pacientes na tribulação, perseverem na oração. Compartilhem o que vocês têm com os santos em suas necessidades. Pratiquem a hospitalidade.

Abençoem aqueles que os perseguem; abençoem, e não os amaldiçoem. Alegrem-se com os que se alegram; chorem com os que choram. Tenham uma mesma atitude uns para com os outros.

Não sejam orgulhosos, mas estejam dispostos a associar-se a pessoas de posição inferior. Não sejam sábios aos seus próprios olhos. Não retribuam a ninguém mal por mal. Procurem fazer o que é correto aos olhos de todos.

Façam todo o possível para viver em paz com todos.

Amados, nunca procurem vingar-se, mas deixem com Deus a ira, pois está escrito: “Minha é a vingança; eu retribuirei”, diz o Senhor. Ao contrário: “Se o seu inimigo tiver fome, dê-lhe de comer; se tiver sede, dê-lhe

de beber. Fazendo isso, você amontoará brasas vivas sobre a cabeça dele”.

Não se deixem vencer pelo mal, mas vençam o mal com o bem.

Todos devem sujeitar-se às autoridades governamentais, pois não há autoridade que não venha de Deus; as autoridades que existem foram por ele estabelecidas. Portanto, aquele que se rebela contra a autoridade está se colocando contra o que Deus instituiu, e aqueles que assim procedem trazem condenação sobre si mesmos. Pois os governantes não devem ser temidos, a não ser pelos que praticam o mal. Você quer viver livre do medo da autoridade? Pratique o bem, e ela o enaltecera.

Pois é serva de Deus para o seu bem. Mas se você praticar o mal, tenha medo, pois ela não porta a espada sem motivo. É serva de Deus, agente da justiça para punir quem pratica o mal. Portanto, é necessário que sejamos submissos às autoridades, não apenas por causa da possibilidade de uma punição, mas também por questão de consciência.

É por isso também que vocês pagam imposto, pois as autoridades estão a serviço de Deus, sempre dedicadas a esse trabalho.

Dêem a cada um o que lhe é devido: se imposto, imposto; se tributo, tributo; se temor, temor; se honra, honra. Não devam nada a ninguém, a não ser o amor de uns pelos outros, pois aquele que ama seu próximo tem cumprido a Lei. Pois estes mandamentos: “Não adulterarás”, “Não matarás”, “Não furtarás”, “Não cobiçarás”,



e qualquer outro mandamento, todos se resumem neste preceito: “Ame o seu próximo como a si mesmo”.

O amor não pratica o mal contra o próximo. Portanto, o amor é o cumprimento da Lei.

Façam isso, compreendendo o tempo em que vivemos. Chegou a hora de vocês despertarem do sono, porque agora a nossa salvação está mais próxima do que quando cremos.

A noite está quase acabando; o dia logo vem. Portanto, deixemos de lado as obras das trevas e revista-mo-nos da armadura da luz.

Comportemo-nos com decência, como quem age à luz do dia, não em orgias e bebedeiras, não em imoralidade sexual e depravação, não em desavença e inveja. Ao contrário, revistam-se do Senhor Jesus Cristo, e não fiquem premeditando como satisfazer os desejos da carne.

Aceitem o que é fraco na fé, sem discutir assuntos controvertidos. Um crê que pode comer de tudo; já outro, cuja fé é fraca, come apenas alimentos vegetais. Aquele que come de tudo não deve desprezar o que não come, e aquele que não come de tudo não deve condenar aquele que come, pois Deus o aceitou.

Quem é você para julgar o servo alheio? É para o seu senhor que ele está em pé ou cai. E ficará em pé, pois o Senhor é capaz de o sustentar.

Há quem considere um dia mais sagrado que outro; há quem considere iguais todos os dias. Cada um deve estar plenamente convicto em sua própria mente. Aquele que considera um dia como especial, para o Senhor assim



o faz. Aquele que come carne, come para o Senhor, pois dá graças a Deus; e aquele que se abstém, para o Senhor se abstém, e dá graças a Deus. Pois nenhum de nós vive apenas para si, e nenhum de nós morre apenas para si.

Se vivemos, vivemos para o Senhor; e, se morremos, morremos para o Senhor. Assim, quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor. Por esta razão Cristo morreu e voltou a viver, para ser Senhor de vivos e de mortos. Portanto, você, por que julga seu irmão? E por que despreza seu irmão? Pois todos compareceremos diante do tribunal de Deus.

Porque está escrito: “‘Por mim mesmo jurei’, diz o Senhor, ‘diante de mim todo joelho se dobrará e toda língua confessará que sou Deus’”.

Assim, cada um de nós prestará contas de si mesmo a Deus. Portanto, deixemos de julgar uns aos outros. Em vez disso, façamos o propósito de não colocar pedra de tropeço ou obstáculo no caminho do irmão.

Como alguém que está no Senhor Jesus, tenho plena convicção de que nenhum alimento é por si mesmo impuro, a não ser para quem assim o considere; para ele é impuro.

Se o seu irmão se entristece devido ao que você come, você já não está agindo por amor. Por causa da sua comida, não destrua seu irmão, por quem Cristo morreu. Aquilo que é bom para vocês não se torne objeto de maledicência.

Pois o Reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, paz e alegria no Espírito Santo; aquele que



assim serve a Cristo é agradável a Deus e aprovado pelos homens. Por isso, esforcemo-nos em promover tudo quanto conduz à paz e à edificação mútua.

Não destrua a obra de Deus por causa da comida. Todo alimento é puro, mas é errado comer qualquer coisa que faça os outros tropeçarem.

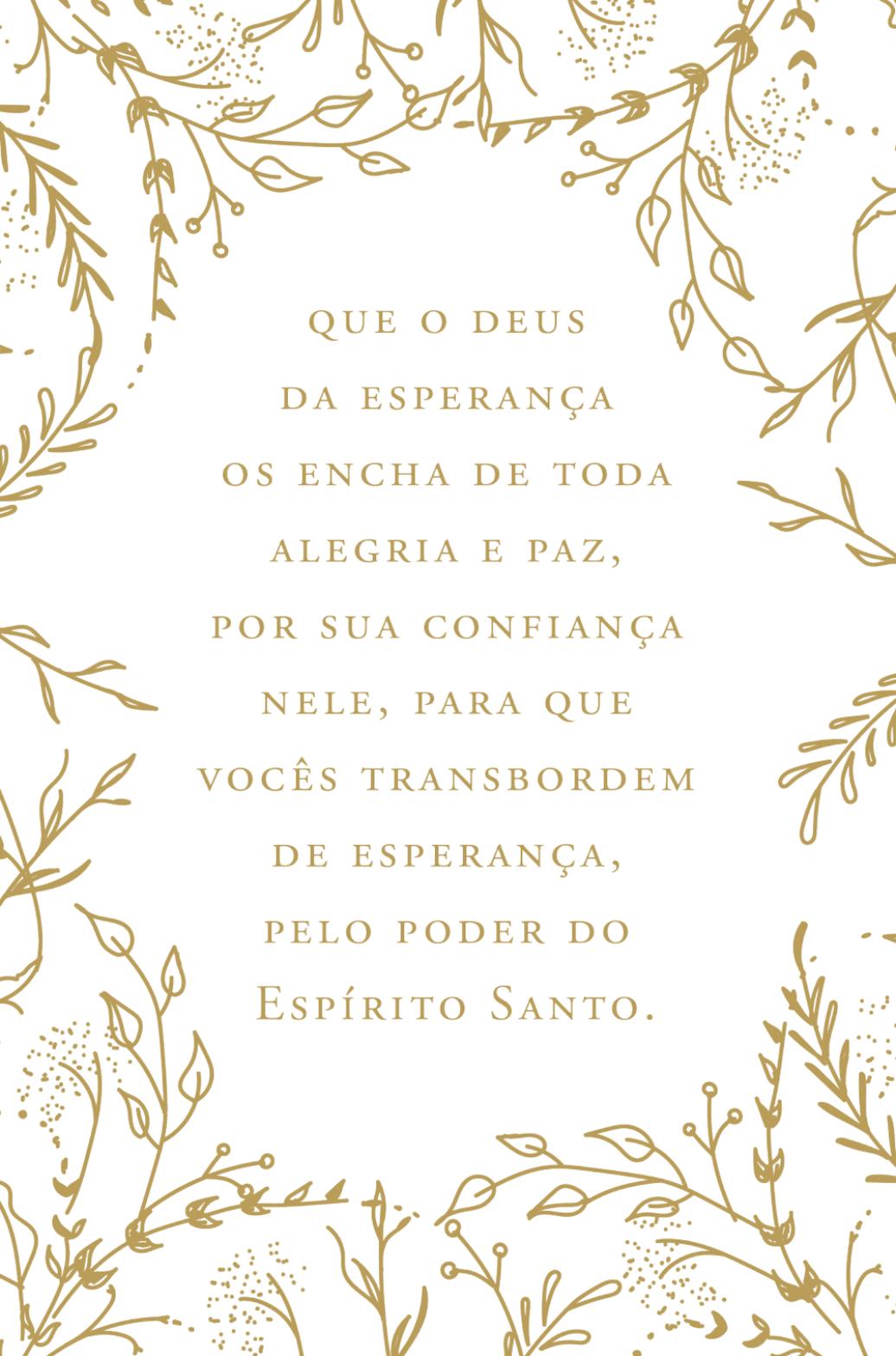
É melhor não comer carne nem beber vinho, nem fazer qualquer outra coisa que leve seu irmão a cair. Assim, seja qual for o seu modo de crer a respeito destas coisas, que isso permaneça entre você e Deus. Feliz é o homem que não se condena naquilo que aprova.

Mas aquele que tem dúvida é condenado se comer, porque não come com fé; e tudo o que não provém da fé é pecado.

Nós, que somos fortes, devemos suportar as fraquezas dos fracos, e não agradar a nós mesmos. Cada um de nós deve agradar ao seu próximo para o bem dele, a fim de edificá-lo. Pois também Cristo não agradou a si próprio, mas, como está escrito: “Os insultos daqueles que te insultam caíam sobre mim”. Pois tudo o que foi escrito no passado, foi escrito para nos ensinar, de forma que, por meio da perseverança e do bom ânimo procedentes das Escrituras, mantenhamos a nossa esperança.

O Deus que concede perseverança e ânimo dê-lhes um espírito de unidade, segundo Cristo Jesus, para que com um só coração e uma só voz vocês glorifiquem ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Portanto, aceitem-se uns aos outros, da mesma forma que Cristo os aceitou, a fim de que vocês glorifiquem a Deus.





QUE O DEUS
DA ESPERANÇA
OS ENCHA DE TODA
ALEGRIA E PAZ,
POR SUA CONFIANÇA
NELE, PARA QUE
VOCÊS TRANSBORDEM
DE ESPERANÇA,
PELO PODER DO
ESPÍRITO SANTO.

Pois eu lhes digo que Cristo se tornou servo dos que são da circuncisão, por amor à verdade de Deus, para confirmar as promessas feitas aos patriarcas, a fim de que os gentios glorifiquem a Deus por sua misericórdia, como está escrito: “Por isso, eu te louvarei entre os gentios; Cantarei louvores ao teu nome”. Também diz: “Cantem de alegria, ó gentios, com o povo dele”. E mais: “Louvem o Senhor, todos vocês, gentios; cantem louvores a ele todos os povos”.

E Isaías também diz: “Brotará a raiz de Jessé, aquele que se levantará para reinar sobre os gentios; estes colocarão nele a sua esperança”.

Que o Deus da esperança os encha de toda alegria e paz, por sua confiança nele, para que vocês transbordem de esperança, pelo poder do Espírito Santo. Meus irmãos, eu mesmo estou convencido de que vocês estão cheios de bondade e plenamente instruídos, sendo capazes de aconselhar-se uns aos outros.

A respeito de alguns assuntos, eu lhes escrevi com toda a franqueza, principalmente para fazê-los lembrar-se novamente deles, por causa da graça que Deus me deu, de ser um ministro de Cristo Jesus para os gentios, com o dever sacerdotal de proclamar o evangelho de Deus, para que os gentios se tornem uma oferta aceitável a Deus, santificados pelo Espírito Santo.

Portanto, eu me glorio em Cristo Jesus, em meu serviço a Deus. Não me atrevo a falar de nada, exceto daquilo que Cristo realizou por meu intermédio em palavra e em ação, a fim de levar os gentios a obedecerem

a Deus, pelo poder de sinais e maravilhas e por meio do poder do Espírito de Deus. Assim, desde Jerusalém e arredores, até o Ilírico, proclamei plenamente o evangelho de Cristo.

Sempre fiz questão de pregar o evangelho onde Cristo ainda não era conhecido, de forma que não estivesse edificando sobre alicerces de outro. Mas antes, como está escrito: “Hão de vê-lo aqueles que não tinham ouvido falar dele, e o entenderão aqueles que não o haviam escutado”.

É por isso que muitas vezes fui impedido de chegar até vocês.

Mas agora, não havendo nestas regiões nenhum lugar em que precise trabalhar, e visto que há muitos anos anseio vê-los, planejo fazê-lo quando for à Espanha. Espero visitá-los de passagem e dar-lhes a oportunidade de me ajudarem em minha viagem para lá, depois de ter desfrutado um pouco da companhia de vocês.

Agora, porém, estou de partida para Jerusalém, a serviço dos santos. Pois a Macedônia e a Acaia tiveram a alegria de contribuir para os pobres dentre os santos de Jerusalém. Tiveram prazer nisso, e de fato são devedores aos santos de Jerusalém. Pois, se os gentios participaram das bênçãos espirituais dos judeus, devem também servir aos judeus com seus bens materiais.

Assim, depois de completar essa tarefa e de ter a certeza de que eles receberam esse fruto, irei à Espanha e visitarei vocês de passagem. Sei que, quando for visitá-los, irei na plenitude da bênção de Cristo.



Recomendo-lhes, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e pelo amor do Espírito, que se unam a mim em minha luta, orando a Deus em meu favor.

Orem para que eu esteja livre dos descrentes da Judéia e que o meu serviço em Jerusalém seja aceitável aos santos, de forma que, pela vontade de Deus, eu os visite com alegria e juntamente com vocês desfrute de um período de refrigério.

O Deus da paz seja com todos vocês. Amém. *

Recomendo-lhes nossa irmã Febe, serva da igreja em Cencréia. Peço que a recebam no Senhor, de maneira digna dos santos, e lhe prestem a ajuda de que venha a necessitar; pois tem sido de grande auxílio para muita gente, inclusive para mim. Saúdem Priscila e Áquila, meus colaboradores em Cristo Jesus.

Arriscaram a vida por mim. Sou grato a eles; não apenas eu, mas todas as igrejas dos gentios. Saúdem também a igreja que se reúne na casa deles. Saúdem meu amado irmão Epêneto, que foi o primeiro convertido a Cristo na província da Ásia.

Saúdem Maria, que trabalhou arduamente por vocês. Saúdem Andrônico e Júnias, meus parentes que estiveram na prisão comigo. São notáveis entre os apóstolos, e estavam em Cristo antes de mim.

Saúdem Ampliata, meu amado irmão no Senhor.

Saúdem Urbano, nosso cooperador em Cristo, e meu amado irmão Estáquis.

Saúdem Apeles, aprovado em Cristo. Saúdem os que pertencem à casa de Aristóbulo.



Saúdem Herodião, meu parente. Saúdem os da casa de Narciso, que estão no Senhor.

Saúdem Trifena e Trifosa, mulheres que trabalham arduamente no Senhor. Saúdem a amada Pérside, outra que trabalhou arduamente no Senhor.

Saúdem Rufo, eleito no Senhor, e sua mãe, que tem sido mãe também para mim.

Saúdem Asíncrito, Flegonte, Hermes, Pátrobas, Hermas e os irmãos que estão com eles.

Saúdem Filólogo, Júlia, Nereu e sua irmã, e também Olimpas e todos os santos que estão com eles.

Saúdem uns aos outros com beijo santo. Todas as igrejas de Cristo enviam-lhes saudações.

Recomendo-lhes, irmãos, que tomem cuidado com aqueles que causam divisões e colocam obstáculos ao ensino que vocês têm recebido. Afastem-se deles. Pois essas pessoas não estão servindo a Cristo, nosso Senhor, mas a seus próprios apetites. Mediante palavras suaves e bajulação, enganam o coração dos ingênuos.

Todos têm ouvido falar da obediência de vocês, por isso estou muito alegre; mas quero que sejam sábios em relação ao que é bom, e sem malícia em relação ao que é mau. Em breve o Deus da paz esmagará Satanás debaixo dos pés de vocês. A graça de nosso Senhor Jesus seja com vocês.

Timóteo, meu cooperador, envia-lhes saudações, bem como Lúcio, Jasom e Sosípatro, meus parentes.

Eu, Tércio, que redigi esta carta, saúdo vocês no Senhor. Gaio, cuja hospitalidade eu e toda a igreja



desfrutamos, envia-lhes saudações. Erasto, administrador da cidade, e nosso irmão Quarto enviam-lhes saudações. Que a graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com vocês todos. Amém.

Ora, àquele que tem poder para confirmá-los pelo meu evangelho e pela proclamação de Jesus Cristo, de acordo com a revelação do mistério oculto nos tempos passados, mas agora revelado e dado a conhecer pelas Escrituras proféticas por ordem do Deus eterno, para que todas as nações venham a crer nele e a obedecer-lhe; sim, ao único Deus sábio seja dada glória para todo o sempre, por meio de Jesus Cristo.

Amém.



